

Editora Prospectiva (Frutal-MG).

Aspectos da História dos jovens em Recife pós anos 1960.

Machado, Otavio Luiz.

Cita:

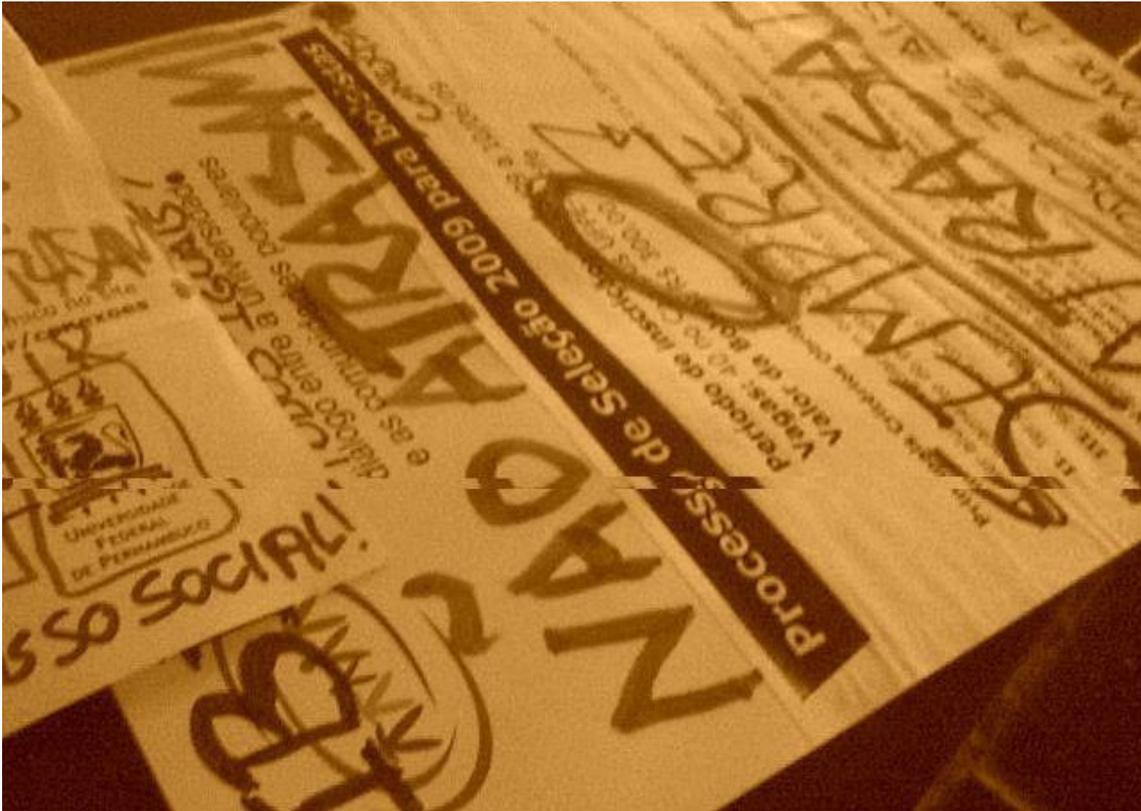
Machado, Otavio Luiz. (2013). *Aspectos da História dos jovens em Recife pós anos 1960*. Frutal-MG: Editora Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/44>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/GXc>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

OTÁVIO LUIZ MACHADO



**ASPECTOS DA HISTÓRIA DOS
JOVENS EM RECIFE PÓS ANOS 1960**

EDITORA
PROSPECTIVA

Otávio Luiz Machado
(Organizador)

**Aspectos da História dos jovens em
Recife Pós Anos 1960**

Editora Prospectiva

Copyright 2013 by Otávio Luiz Machado

Capa: Editora Prospectiva

Fotos de capa: Arquivo digital de Otávio Luiz Machado

Revisão: Otávio Luiz Machado

Edição: Editora Prospectiva

Machado, Otávio Luiz. Aspectos da história dos jovens em Recife pós anos 1960. – Frutal: Prospectiva, 2013.

ISBN: 978-85-67463-14-8

1. Estudantes– Comportamento. 2. Memória Histórica. 3. Educação extracurricular.

CDU316.6:378.4

Contatos com o autor:

Caixa Postal nº 1, 382000-000 Frutal-MG

E-mail: otaviomachado3@yahoo.com.br

Tel: (34) 9668-9575

SUMÁRIO

Apresentação

Otávio Luiz Machado 06

Introdução

Otávio Luiz Machado 07

MOVIMENTOS ESTUDANTIS E RESISTÊNCIA

Pedro Eugênio de Castro Toledo Cabral 10

Humberto Costa 17

Maurício Corrêa de Araújo 24

Ivaldo Pontes 28

Múcio Magalhães 29

Renildo Calheiros 36

Luciana Santos 40

MOVIMENTOS CATÓLICOS E DE ORIGEM POPULAR

Padre Reginaldo Veloso	46
João Paulo de Lima e Silva	49

MOVIMENTOS CULTURAIS/EDUCACIONAIS DE JUVENTUDE

Fábio de Moraes Luna (Spider)	62
José Edson da Silva (Zé Brown)	80
Mauro César de Lima	83
Daniel Coelho	87

DOCUMENTO: Manifestos do MangueBeat	92
--	-----------

APRESENTAÇÃO

O *Programa Juventudes, Democracia, Direitos Humanos e Cidadania da UFPE (PROJUPE)* deixou muitos frutos ao longo de sua breve existência, mas obras como a que apresentamos agora marcam uma história na produção dos nossos projetos, pois trazemos pela primeira vez vários depoimentos únicos que figuras especiais falando de suas lutas de juventude.

Ao publicizar mais um trabalho a partir do registro de depoimentos, que são relatos que foram colhidos por mim com inúmeros personagens que figuraram na antiga cena juvenil pernambucana e cujos ideários de participação ainda estão muito presentes na luta dos jovens na atualidade e justifica assim publicação, disponibilizamos fontes fundamentais para se trabalhar a formação cidadã das nossas mais diversas juventudes e a sua utilização em trabalhos acadêmicos.

Dessa vez não pude me prender ao caráter biográfico de cada depoente como já era padrão em outras publicações, mas na temática de interesse que cada um traz no seu depoimento. Outro aspecto a ser considerado está relacionado à padronização dos textos, pois o leitor poderá facilmente perceber que nem todos eles encontram-se igualmente distribuídos com a mesma quantidade de páginas. A explicação está associada quanto à exploração dos mesmos em nossas pesquisas. Uns mais, outros menos. Mas todos trazem sua importância histórica e do papel representado por cada depoente.

Mais uma vez espero que o trabalho seja apreciado e amplamente divulgado nos mais diversos canais, porque a nossa motivação sempre foi e será o atendimento do interesse público. Boa leitura!

Otávio Luiz Machado

INTRODUÇÃO

Otávio Luiz Machado

O *movimento estudantil* figurou durante décadas como o movimento juvenil por excelência, mas começou a perder seu vigor no final dos anos 1970 e durante toda a década de 1980. Os novos movimentos juvenis entram em cena, como o movimento dos jovens em bairros e os movimentos culturais de juventude, como o *Hip-Hop* e o próprio *Manguebeat*, o último mais específico de Pernambuco.

Se é fato que as juventudes se converteram em ator central em qualquer análise que tratamos sobre a sociedade nos tempos modernos, também é fundamental a busca de uma análise que tente entender esse ator social, principalmente a partir de elementos que identifiquem que, ao lado dos jovens, também tivemos outros atores que atuaram tão quanto protagonistas ou artífices das mudanças sociais, embora não esquecendo que em momentos históricos diversos a juventude parecia estar só na sua luta, nos seus movimentos, nos seus protagonismos.

Agora, o crescimento das sociedades urbanas e a maior demanda por direitos sociais como bandeira cada vez mais crescente na sociedade brasileira, o que vemos é a entrada maior das juventudes no debate público, esfera até então palco de atuação de atores não ligados às juventudes, mas onde o prestígio dos “mais velhos” era o que contava. E Pernambuco foi um cenário maravilhoso para a atuação das mais diversas

juventudes entre o final dos anos 1970 e meados dos anos 1980.

Os depoimentos publicados aqui publicados tentam apresentar um pouco do que foi esse fervilhar de movimentos juvenis na voz dos próprios participantes de momentos-chaves da história dos jovens em Pernambuco.

**MOVIMENTOS
ESTUDANTIS
E RESISTÊNCIA**

Pedro Eugênio de Castro Toledo Cabral¹

Fiz o segundo grau no Colégio Militar de Recife. Assim, no período de 67 a 68, que era de grande efervescência política nos meios secundaristas e universitários, não participei do Movimento Estudantil devido ao fato de que, estando no Colégio Militar, a inserção dos seus alunos nesse processo era praticamente nula. Havia, é verdade, um movimento cultural lá dentro do Colégio, mas as pessoas não tinham participação no Movimento Estudantil.

De junho de 67 a junho de 68 participei de um programa de Intercâmbio Cultural nos Estados Unidos, onde concluí o curso secundário. Foi justamente no período da minha ausência que o Movimento Estudantil e o movimento político na sociedade em geral – mas muito fortemente o Movimento Estudantil – tiveram grande crescimento, com as manifestações de rua que caracterizaram o ano de 68.

Ao retornar ao Brasil em julho de 68, passei então a atender um cursinho pré-vestibular no Colégio Nóbrega. Revendo ex-colegas do Colégio Militar, encontrei-os já fora do Colégio, pois tinham saído para se preparar para o vestibular. Alguns deles estavam engajados no Movimento Estudantil e já me chamavam para participar. Como eu estava defasado na preparação ao vestibular, por ter passado um ano fora, decidi “dar um tempo” e dedicar-me só aos estudos.

Nesse período eu tive apenas uma rápida atuação quando me juntei a alguns colegas pra fazer a segurança do Roberto Peixe, que era da UEP (União dos Estudantes de

¹ Estudou Engenharia na UFPE. Atualmente é deputado federal e presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) em Pernambuco.

Pernambuco) num comício relâmpago que foi feito na Faculdade de Medicina. Eu dei apoio com outros colegas nesta manifestação, mas sem estar engajado de forma sistemática em qualquer outra atividade.

Fiz vestibular no final de 68, simultaneamente na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), no curso de Economia e na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no curso de Engenharia. Passei a cursar os dois: Engenharia pela manhã e tarde; Economia à noite

Assim que eu ingressei na universidade, procurei meus amigos do período secundarista. Com esses contatos, pude iniciar, com mais força, meu envolvimento no Movimento Estudantil. No início das aulas, em 69, foi promulgado o decreto 477 que permitia cassações de estudantes e fechamento de nossas entidades. Logo no início das aulas foram fechados todos os DAs (Diretórios Acadêmicos) da Católica.

Os DA's ativos de Pernambuco foram sendo fechados, com exceção de Arquitetura e de Geologia, que não sofreram intervenção. Na Católica chegou até a ocorrer a demolição, por tratores, dos prédios onde funcionavam os diretórios acadêmicos das diversas faculdades que lá existiam. Então, na Engenharia, havia um clima de desarticulação do ME devido à ofensiva da ditadura.

Foi nesse clima que, como disse, logo após ter passado no vestibular, procurei alguns amigos que me apresentaram a colegas lá de Engenharia. E aí eu comecei a participar de algumas reuniões, pois eu entendia e sabia que eram reuniões do Movimento Estudantil. Mas eram reuniões clandestinas, porque naquela altura, com o 477 e o fechamento do DA, qualquer tipo de encontro – até uma simples reunião – era ilegal.

Nós fazíamos reuniões em um grupo para discutir questões da universidade ou questões mais gerais. Esse grupo se revelou mais adiante para mim como um grupo ligado ao PCBR, o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, que tinha na universidade atuação através de um movimento chamado “Integração e Luta”.

A partir do meu atendimento a essas reuniões eu me tornei simultaneamente um participante do Movimento Estudantil através da “Integração e Luta” e, na prática, membro do PCBR. Como as condições ilegais de atuação das organizações que contestavam o regime naquela época impusessem uma informalidade nessas relações, não houve nenhum momento de filiação partidária. Era um processo que se dava, digamos assim, a partir do engajamento no dia-a-dia dessas reuniões e discussões. Passei a atuar e a atender a essas reuniões do partido muito focado especificamente na questão estudantil.

No início das aulas daquele ano de 1969, o presidente da UEP, Cândido Pinto de Melo sofreu um atentado. Na antiga ponte da Torre, ele, à noite, em uma parada de ônibus, foi alvejado pelo Major Ferreira. A bala atingiu sua coluna e ele ficou paralítico da cintura para baixo. Foi uma grande comoção no Movimento Estudantil.

O DA de Engenharia comandou uma greve política contra o atentado. Como resposta o Diretor da Escola, Professor Arnóbio, intimou a todos os alunos, por escrito, individualmente, a declararem se haviam participado da greve ou faltado por outro motivo. Para os grevistas assumidos haveria cassação.

O protesto foi liderado claramente pelo D.A., que teve uma posição de liderança consciente nesse protesto. Eu participei pouco desse momento. Mas comecei a me envolver

em reuniões, porque a minha participação efetiva começou depois disso tudo.

Naquele momento eu tinha acabado de entrar na faculdade e estava ali no meio como mais um estudante participando das assembleias, mas sem estar ligado a nenhum grupo. Eu não estava engajado no movimento naquele momento exato, embora estivesse refazendo meus contatos. E só depois quando tinha havido todo um processo de fechamento, de refluxo do D.A. e tudo mais, é que passei a participar.

A minha leitura desse episódio da greve é a de alguém recém chegado à Escola. A visão que eu tenho é de que foi um processo muito maior do que o de uma greve. Houve um combate decisivo entre os militares que acompanhavam o Movimento Estudantil, a Direção da Escola e o D.A. Para este, que vinha muito combativo e atuante, ficava difícil não tomar uma posição forte em relação aos acontecimentos.

Talvez naquele momento, em que a Direção da Escola exigia uma justificativa a um seu inquérito, o D.A. pudesse ter ele próprio encaminhado uma resposta aparentemente não política pra poder evitar as punições, mas na prática, essa atitude colocava o DA correndo grande risco de desmoralização.

Na realidade o Diretor estava jogando e fazendo política. Estava criando uma oportunidade de saída pra todo mundo, inclusive que livrasse também a posição dele e, ao mesmo tempo, que desse uma oportunidade para os estudantes. Mas a leitura que o D.A. teve é de que seria um ato para desmoralizar o D.A.

E convenhamos, para quem tinha a liderança de processo crescente de mobilização e até de radicalização, penso que seria pedir muito para recuar. Inclusive no contexto

do país em que os partidos políticos que estavam na clandestinidade faziam oposição cada vez mais radical ao regime.

É praticamente impossível imaginar que, naquele momento, no D.A., surgisse uma posição política capaz de manter a liderança de forma, ao mesmo tempo, firme e conciliadora. Recuar é algo que requer muito amadurecimento e força política.

Se o D.A. fizesse ou não uma aliança com o diretor – que era visto naquela época como preposto da ditadura – poderíamos de toda forma imaginar que o D.A. cometesse um erro, de uma forma ou outra. A verdade é que nossas lideranças ficaram em um beco sem saída. Se houve um erro aí foi do grande erro da tragédia brasileira que foi a ditadura militar, porque o que o pessoal do D.A. fez foi consequência inevitável do processo que eles vinham liderando, que não lhes dava outra saída.

Uma posição que o D.A. poderia ter tido era ele próprio encaminhar uma justificativa mais ampla, menos política e não se isolar. Mas, como disse, o risco de ser desmoralizado era grande. Mas de qualquer forma a intervenção, ao que parece, já estava decidida. Só faltava uma desculpa.

A maioria deu justificativas não políticas. Com isso, as lideranças foram cassadas e o DA fechado. Assim o Movimento Estudantil praticamente desapareceu na Escola de Engenharia, que tinha grande tradição de luta. Houve um esvaziamento muito grande e, a partir daí, todo o processo passou a se resumir a um grupo pequeno de estudantes que se reunia clandestinamente e distribuía alguns panfletos contra o regime. Ou pichando paredes ou fazendo a campanha do voto

nulo, por exemplo. O dia-a-dia do Movimento Estudantil praticamente desapareceu.

O PCBR procurava se recompor também dentro do Movimento Estudantil. Como eu passei a integrar um núcleo de organização do partido nesse período, fiquei fazendo esse papel, mas atuando no Movimento Estudantil como um todo e, eventualmente, apoiando a organização quando necessário. Isso foi de 69 até 72.

Nas faculdades eu ia a muitas reuniões, como na Arquitetura e na Geologia, que eram os D.As que permaneceram funcionando. Atuávamos juntos com a Ação Popular (AP) em alguns momentos.

Era um momento de muita falta de alternativas de realização de campanhas ou mobilizações abertas. Então se fazia um comício relâmpago aqui ou uma panfletagem ou pichação acolá, que eram essas as manifestações às quais dedicávamos algum tempo para organizar, para procurar também juntar alguns companheiros que pudessem atuar no movimento. Buscávamos bastante atrair nossos colegas estudantes para discussões políticas internas.

Mas a ditadura foi fechando o cerco O grupo do qual eu fazia parte foi preso no começo de 1972. Houve um desastre automobilístico até hoje não esclarecido entre Cachoeirinha e Caruaru e a polícia ostensivamente começou a atuar no caso. No pretense desastre morreram o Beбето (Luiz Alberto de Sá e Benevides) e Míriam Verbena, ambos do PCBR.

Prisões começaram a acontecer no Movimento Estudantil. Passei a ser procurado. Saí de casa. Meu amigo Ivanildo Machado abrigou-me em sua casa no bairro de Peixinhos, em Olinda. Fiquei escondido lá, mas depois de algum tempo a polícia descobriu onde eu estava, cercou a casa

e me prendeu. A polícia não sabia direito quem eu era, nem sabia o papel que eu exercia dentro do partido.

Eles prenderam muita gente. Prenderam uns vinte ou trinta estudantes, alguns profissionais liberais e trabalhadores.

O grosso foi de militantes do Movimento Estudantil. A polícia agiu, sem sucesso, sempre no afã de desenrolar o fio da meada para chegar ao pessoal do partido que fazia luta armada. Deste grupo cerca de quinze ficaram durante nove meses aguardando julgamento. Um mês no DOI-CODI (no QG do IV Exército perto da Faculdade de Direito) quando fomos muito torturados. E mais oito meses no buque (hoje demolido) da Secretaria de Segurança Pública na Rua da Aurora.

Éramos muito jovens, rapazes e moças. Dos estudantes eu era o mais velho, com apenas 23 anos. O mais novo era um garoto que tinha 18 anos. Então era essa a faixa de idade.

A repressão manteve o processo deixando o grupo preso na Secretaria de Segurança durante nove meses, incluindo um mês de muita tortura no DOI-CODI. Finalmente fomos absolvidos no final do ano de 1972.

Nossa vida estava só começando. Mas não para Ezequias Bezerra da Rocha, geólogo que foi preso antes de nós, torturado e morto, cujo corpo jamais apareceu. Não para o Beбето. Não para Míriam Verbena.

Aos jovens de hoje fica a demonstração histórica de que, mesmo nas condições mais difíceis, a sede de justiça e o desejo de construir o novo na sociedade são sementes que insistem em germinar. E que a mobilização da juventude, em torno dessas aspirações universais, é um dos berços mais importantes aonde permanentemente são forjados quadros políticos comprometidos com as utopias mais belas que insistem em fazer mover para melhor a sociedade humana.

Humberto Costa²

Fui Presidente do Diretório Acadêmico do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Diretor do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFPE e membro da Diretoria Provisória da União dos Estudantes de Pernambuco (UEP).

E tive, embora meus pais não participassem diretamente de nenhum tipo de movimento, mas sempre tivessem uma visão política mais progressista, [a oportunidade de aprender muito em casa sobre as questões nacionais] . Meu pai, que votou em Jango e apoiava o Governo, foi contra a ditadura civil-militar. E isso chegou para gente, também. Por isso sempre tive uma visão mais crítica. Na minha adolescência, a minha identidade cultural foi muito grande com os movimentos de juventudes mundiais, como o movimento hippie, e a contestação por essa linha. E depois em 1971 por aí, eu já comecei a ter uma visão mais política das coisas. No colégio, por exemplo, fiz parte de grêmios, mas ainda era uma coisa muito fechada e basicamente muito em cima de coisas culturais. E no colégio também editei um jornal.

² Formou-se em Medicina. Atualmente é Senador da República pelo PT-PE.

Mas uma participação mais política foi em 1974, quando eu acompanhei muito e participei da campanha de Marcos Freire para o Senado, no MDB daquela época. Depois entrei na Faculdade e começamos a querer fazer um trabalho mais de formação política, como um jornal para discutir cultura e outros assuntos, quando conhecemos um pessoal que havia ganhado o Diretório Acadêmico do Centro de Ciências da Saúde, como o Pedro Ismael, o Ricardo Gimenez, o Luiz Oscar. E começamos a ter um primeiro relacionamento com esse pessoal e começamos a militar no básico, pois eles estavam mais adiante no curso. Tempos depois nós herdamos o Diretório.

O movimento estudantil que conquistou o DCE da UFPE antes da nossa gestão em 1979 foi importante para, dentre tantas questões, impor uma derrota ao setor de direita que até então comandava a entidade. O DCE num primeiro momento atuava em cima da extinção do Decreto-Lei 477, cuja atuação era feita diante de toda aquela estrutura tutelada pela burocracia universitária. E ganhamos o DCE em oposição a uma gestão de esquerda que era ligada ao PCR e mantinha uma hegemonia no movimento estudantil da UFPE. Uma parte desse grupo depois foi vinculado ao MR-8. Éramos da oposição e atuávamos na POLOP com uma força no Centro de Ciências da Saúde, Biológicas e na Engenharia, enquanto eles tinham muita força no Centro de Artes e de Filosofia. E mudamos inclusive o estatuto do DCE, que até então estava sob um sistema presidencialista, passando a partir daí para um sistema

de coordenação. Eu era coordenador da Área de Saúde desse DCE.

Nós passamos a ter uma relação com a POLOP por volta de 1977. Mas muito em termos de fração estudantil, pois a organização tinha uma militância muito rigorosa em termos de recrutamento. Fomos ter militância mesmo na POLOP a partir de 1978 e 1979. No movimento tínhamos as chamadas tendências, que eram quase todas braços de organizações clandestinas. No caso da POLOP, que tínhamos uma tendência que se chamava "Travessia" aqui em Pernambuco, o seu espaço era muito pequeno no movimento estudantil, pois sua atuação se resumia em alguma atividade aqui em Pernambuco, na Bahia, na Paraíba e no Rio de Janeiro. E nós tivemos muitos rachas, sendo o maior deles o que criou o MEP (Movimento de Emancipação do Proletariado).

Alguns companheiros, como o Siqueira se vinculou ao MEP. E Jarbas Barbosa se vinculou ao MEP, vivenciando um desses rachas. E quem puxava o MEP aqui em Pernambuco era o Paulo Rubem Santiago, que não chegou ser da POLOP, mas entrou no MEP como militante atraído pelo pessoal.

Mas dizer que nós da POLOP tivéssemos uma penetração importante no movimento operário não corresponderia à realidade, pois aí a força maior era da Igreja.

Nesse período teve a greve na Chesf, que foi um negócio pesado, mas íamos lá apenas para dar apoio e solidariedade. Algumas pessoas de lá tinha alguma

relação conosco, como o Fernando Ferro, que não chegou a se vincular à POLOP, mas era uma liderança com a qual a gente tinha relação. Com outros mantínhamos relação, mas não era uma coisa muito orgânica.

A POLOP tinha uma política para o movimento estudantil muito equivocada, mas ao mesmo tempo era muito clara. Era a visão de que o processo de reorganização do movimento estudantil tinha que se dar em torno dos temas específicos da política estudantil. A nossa visão é que a luta por democracia, por liberdades democráticas, por anistia e por constituinte eram bandeiras burguesas, porque defendiam uma democracia burguesa. E como não víamos historicamente a necessidade de nenhuma etapa anterior para a construção do Socialismo, então as nossas bandeiras políticas tinham que ser bandeiras socialistas. Então como não tinha espaço para agitar essas bandeiras socialistas, a maneira de reorganizar o movimento estudantil, o movimento sindical e outros movimentos seria em cima das bandeiras específicas. Portanto, a nossa principal bandeira era a luta contra a Política Educacional do Governo (a PEG). As outras coisas achávamos que eram bandeiras políticas burguesas.

Apesar desse esquerdismo todo e dessa visão vanguardista, tínhamos um trabalho de base importante. Nós recebíamos os feras com debate político e cultural. E tínhamos uma presença muito importante na sala de aula. E isso nos trazia uma aproximação muito grande com o pessoal. Por outro lado tínhamos

na prática uma posição muito aguerrida, apesar dessa visão fundamentalista na política. Enquanto o pessoal tinha uma posição muito cautelosa em questões de mobilização, éramos mais sintonizados com o nível de consciência do pessoal, e com a política nacional. A primeira mobilização que fizemos aqui no movimento estudantil foi no 3º dia nacional de lutas. Aqui em Pernambuco nós brigamos para fazer eventos no 1º e no 2º, mas perdíamos no conselho de entidades de base. No último conseguimos ganhar. E aí convocamos uma manifestação, que foi uma coisa gigantesca na Escola de Engenharia. E como se tivéssemos uma sintonia maior com o pessoal no sentimento da base. E fazíamos muitas discussões políticas, porque trazia muito as pessoas para o debate.

A visão fechada do nosso grupo se sustentou até o momento que a luta contra a ditadura foi tomando uma dimensão maior, porque a partir a luta foi estabelecendo em torno de bandeiras que hoje eu avalio que estavam absolutamente corretas, como o retorno das liberdades democráticas e da democracia [como único caminho]. E nós que tínhamos essa visão fundamentalista de que é só socialismo ou não é nada, nós nos isolamos fortemente do ponto de vista político. Nós só começamos a sair do isolamento depois que fizemos a opção de participar do PT, inclusive no próprio processo de criação. A POLOP entra no PT nos primórdios do PT, mas com aquela visão de que finalmente surgia um partido independente dos trabalhadores e sem a presença da burguesia. E isso foi

um pouco que nos tirou do isolamento, pois antes, nas eleições de 76 e 77 nós fizemos campanha pelo voto nulo. Íamos aos comícios do MDB fazer campanha pelo voto nulo e tomávamos carreiras lá. Ou militava na própria universidade defendendo o voto nulo. Então com isso fomos nos isolando politicamente de uma forma muito profunda. Na luta pela Constituinte nós éramos contra, na luta pela Anistia, também. O movimento de massas estava envolvido com essas coisas. E nós fazendo discurso contra todas essas bandeiras. Eis os motivos do enfraquecimento da POLOP, ou seja, estar fora de sintonia com o momento político que estávamos vivenciando naquela época.

Mas mesmo assim, o nosso trabalho de base era muito mais forte do que em outros grupos. Eles ficavam muito nessa grande política e na articulação institucional, enquanto nós ficávamos na luta dentro da Escola. Só para exemplificar, em 1979 houve uma greve de 21 dias na Universidade Federal de Pernambuco, algo que não acontecia desde a década de 1960. E foi uma greve pesada lá, inclusive participei de uma comissão que foi recebida pelo Ministro da Educação, o Eduardo Portela. A greve adquiriu uma dimensão que repercutia nacionalmente, como a luta por mais verbas.

Esse fato de lutar mais por temas específicos por um lado era ruim porque nos isolava politicamente, mas por outro lado, também era importante porque vivíamos o dia-a-dia do estudante, porque passávamos nas salas, debatia, discutia e conseguia coisas concretas.

E por isso contávamos com uma confiabilidade da estudiantada à época.

Então era contraditório um grupo tão fechado politicamente conseguir crescer, mas também tinha o fato do pessoal se desgastar depois de cerca de três gestões liderando o DCE, o que vai gerando uma acomodação e acaba se desgastando.

Com a prisão de Cajá houve uma grande mobilização, ou seja, em cima de um tema especificamente político, e que exigia uma confrontação direta com o regime. Nós fizemos vários atos nos diversos centros pedindo a liberdade de Cajá. E houve greves em alguns lugares. O que parecia ser um momento do movimento agir com um certo receio, serviu para a luta se intensificar. E com uma luta mais política, mesmo. Houve aí até uma certa unidade, mesmo que temporária, mas o que estava em questão era a liberdade dos estudantes, a luta contra a tortura [e outras bandeiras que giraram em torno do fato político criado].

Não se pode construir na sociedade um movimento de mudanças que se centre apenas nos estudantes. O movimento que os estudantes começaram em 1973 e 1974, só veio a ter uma dimensão no sentido de causar uma mudança, a partir da entrada do movimento operário e dos direitos humanos. Nós precisamos resgatar na cabeça das pessoas, principalmente dos que se encontram na Universidade, hoje, uma visão mais generosa do que seja o seu papel, realmente.

Maurício Correia de Araújo³

Logo nos primeiros dias na universidade, em 1971, as informações circulavam muito restritamente. Alguns estudantes oriundos do movimento de 1968 que estavam entre o quarto e quinto ano, quando souberam que tinham alguns colegas que poderiam participar do movimento estudantil, então logo se aproximaram da gente. Eu e mais dois colegas fomos chamados para conversar, quando começamos a ouvir as primeiras críticas sobre a Escola de Engenharia, o acordo MEC-Usaid, a repressão da ditadura etc.

Também foi importante a conversa, porque organizamos nossa participação na eleição para uma comissão de representantes do 1º ano. Fomos escolhidos como representantes dos cerca de seiscentos alunos que estavam no 1º ano.

Os critérios da eleição das entidades estudantis eram dominados na época ainda pela Reitoria, pois as eleições não eram livres e os estudantes com reprovação não podiam nem ser candidatos. Os estudantes mais antigos e politizados tentavam fazer uma ponte entre os grupos que estavam na clandestinidade – para não serem presos e torturados – e os novos e estudantes que chegavam num ambiente de paz de cemitérios e um vazio de debates no meio universitário. Por isso a demanda maior da época foi a denuncia de falta de liberdade e o chamado de luta contra a ditadura. Mas essa diretriz só podia ser feita para grupos muito restritos, por razões óbvias.

³ Estudou Engenharia na UFPE. Atualmente trabalho no Sebrae-PE.

Acho que foi uma forma correta como o grupo da chapa Voz trabalhou em 1974 em relação ao que nós trabalhávamos em 1971. Em 1971 não conseguíamos mais avançar. Fazíamos panfletagens com os panfletos amarrados em um barbante, que eram lentamente queimados por um cigarro, o que dava tempo para que pudéssemos fugir para a nossa sala de aula.

Depois de algum tempo os panfletos caíam no pátio. Seus conteúdos eram basicamente denúncias da falta de liberdade. No final éramos nós mesmos que tínhamos que pegar os panfletos diante dos outros estudantes fazendo cara de surpresos para ver se outras pessoas seguiam o exemplo. No final quase ninguém pegava e nós ficávamos altamente expostos. O custo benefício era muito baixo. Todo mundo tinha muito medo.

Mesmo assim em 1971 fizemos uma feira de livros em parceria com a Livro 7 que foi um sucesso. Aí sim fizemos ações compatíveis com o momento. Aquele outro tipo de propaganda não dava mais certo. Além do pouco resultado, servia apenas para nos identificar frente a repressão. Em 1972 ela veio pesada e prendeu quase todo mundo. Fez-se o silêncio dos cemitérios. O que conseguimos em 1974 na chapa Voz foi uma adaptação da estratégia para conseguir quebrar a barreira da participação dos estudantes – claro a conjuntura era outra com as eleições para senador que tinha Marcos Freire como candidato – com o lema “Sem ódio sem medo”, e um grande repúdio a situação demonstrada pela imensa derrota eleitoral do partido da ditadura - a ARENA –, foi nesse ambiente que tudo começou a renascer com força.

Assim começamos a garimpar e a atrair pessoas com anseios para se expressarem e isso teve, é claro, uma

repercussão muito maior de atrair as pessoas do que as panfletagens que a gente fazia em 1971.

A visão de partes das esquerdas foi a de tentar resistir e construir a luta contra a ditadura de armas na mão, cujo auge foi em 1968, 1969 e 1970. Mas em 71, e mais ainda em 74, elas estavam fisicamente isoladas e/ou destroçadas, levando a muitos grupos a realizarem a crítica e o reconhecimento da correlação de forças desfavoráveis e buscarem novas formas de ação que passaram a possuir – a partir de 1974 – novos contornos e novas dinâmicas.

A chapa Voz era composta de estudantes que apesar de estarem num ambiente de efervescência política estavam isolados de contatos e influência dos grupos da esquerda revolucionaria que na época tinha se dividido em muitos grupos e sub-grupos.

Com a Chapa Voz começa a surgir um grupo que não estava tão polarizado, nem familiarizado com debates ou cisões. A união era muito forte, e creio que na época nenhum dos integrantes ainda não era militante de alguma organização de esquerda. Isso foi importante e só aconteceu depois.

O que a gente fez foi o seguinte: 'Vamos fazer cultura, vamos chamar os poetas e fazer um livro de poesias, vamos fazer teatro, chamar boas peças – lembro uma de Brecht. Vamos chamar os cantores e teve o Parangolé, depois veio João Bosco, Gonzaguinha e outros e todos faziam shows de graça. Começamos a levar filmes para os estudantes assistirem, que eram filmes políticos, mas que mesmo assim o auditório ficava lotado de cima a baixo. Ensaíamos também a necessidade do debate sobre os currículos na escola de engenharia que estavam apartados das necessidades da população – em 75 – teve um grande encontro de estudantes

de engenharia em Belo Horizonte onde essa questão foi muito debatida.

A Voz quebrou e retomou esse apelo de massas com o que era possível, com cinema, teatro, música e outros eventos culturais para permitir a geração de um debate. Então aí a estudantada começou a se reunir de novo. A chapa Voz, na Escola de Engenharia, creio que foi um dos catalisadores da retomada do movimento estudantil na Universidade Federal de Pernambuco, porque veio com uma nova prática. E o pessoal começou a tentar perceber o que estava acontecendo ali.

Aí começou a despertar a Faculdade de Medicina, que vem com o grupo de Humberto Costa e Jarbas Barbosa. Aí veio o pessoal do CFCH, que tinha lideranças como Cajá e Alzira. Ou o pessoal da Arquitetura e comunicações com Orlando alguns ainda oriundos de 70, 71 e de movimentos secundaristas etc . E aí começou novamente a criar um movimento universitário mais politizado retomando as bandeiras pela liberdade e contra a ditadura e a exploração. O DCE - diretório central dos estudantes da UFPE - ainda tinha na época eleições indiretas. E era dominado por um pessoal da direita apadrinhado diretamente pela reitoria. Mais adiante retomamos o controle do DCE e se generalizou a reconstrução de inúmeros centros acadêmicos por toda a universidade.

O pessoal que fez greve na Chesf anos depois era liderado por muita gente que veio da Escola de Engenharia de Pernambuco da UFPE e que participaram ativamente das ações realizadas pela chapa Voz. Alguns nomes como Fernando Ferro, Sebastião Lins, Hélio Almeida, Otoniel, Eduardo Mota e muitos outros saíram desse movimento estudantil para liderarem na militância sindical na Chesf.

Ivaldo Pontes⁴

À medida que o movimento estudantil se fortaleceu na UFPE, o passo seguinte foi a politização das principais lideranças do movimento. É neste contexto que partidos e organizações políticas de esquerda procuram buscar novos contatos e iniciar discussões políticas para formar novos quadros. No caso da POLOP essa rearticulação em Pernambuco foi iniciada em 1975 e expandida em 1976.

É evidente que neste período toda a discussão ocorria sob o signo do sigilo, da clandestinidade, pois na primeira metade da década de 70, em particular em 72, houve uma onda de prisões massiva de militantes.

A POLOP já havia perdido muitos quadros tanto com suas divisões internas quanto com a repressão e o exílio na primeira metade da década de 1970. E estava praticamente se reestruturando no início da segunda metade dessa década. Por esses motivos, a POLOP tinha uma prática de segurança muito exigente, com um recrutamento de militantes muito lento. Ela não recrutava cinco ou seis pessoas ao mesmo tempo, pois primava muito pela manutenção da organização que restou.

Até 1977 no Recife não se pronunciava o nome da POLOP mesmo entre as pessoas de confiança por questões de segurança. Tratava-se exclusivamente com o nome das tendências estudantis. No meu caso em particular, só atuei com a POLOP a partir de minha ida para o Rio de Janeiro,

⁴ Estudou Engenharia na UFPE. Atualmente é Professor dessa instituição.

porque até então minha participação era exclusivamente no âmbito da tendência estudantil.

Posteriormente, houve um grande crescimento da POLOP no movimento estudantil, com forte influência tanto nas Engenharias, como na Medicina da UFPE. A base era muito extensa, a liderança tinha um discurso muito articulado e a militância era muito disciplinada. Em dois ou três anos foi em Pernambuco que a POLOP teve seu maior crescimento no Brasil. Em consequência, podemos situar esse período como o melhor momento do movimento estudantil em Pernambuco após sua retomada em 75.

Com a criação do PT, toda herança dos movimentos liderados pela POLOP no movimento estudantil e nas associações de bairro foi canalizado para a construção do Partido.

Portanto, a geração que retomou o movimento estudantil da UFPE a partir de 1975 e posteriormente militou na POLOP foi amplamente vitoriosa. E foi uma geração que conseguiu ser parte ativa na construção do PT. É uma geração que contribuiu politicamente com o avanço na organização independente dos trabalhadores da cidade e campo.

Múcio Magalhães⁵

Eu sou de Arcoverde, filho de família trabalhadora e sempre vivi modestamente. Meus pais, Jorge Magalhães de Souza e Áurea Magalhães de Souza, especialmente minha mãe, sempre fizeram de tudo para que eu estudasse em boas

⁵ Estudou Medicina Veterinária na UFRPE. Atualmente é vereador em Recife-PE pelo PT-PE.

escolas apesar da dificuldade da família. Fiz o segundo grau em Arcoverde, passei no vestibular de 1980 e fui estudar Medicina Veterinária na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em 1981.

No primeiro ano tive contato com a Pastoral Universitária. Foi a minha iniciação política e militante, que me conduziu por uma reflexão para tomar o caminho de fazer uma opção de vida, o que nós chamávamos de opção preferencial pelos pobres e pela nossa própria classe. As reflexões que fazíamos nos levava a uma tomada de consciência que, mesmo pobres as pessoas se orientam pelos valores que a sociedade burguesa nos ensina desde cedo, e portanto era preciso optar pela nossa própria classe e os valores políticos e ideológicos que organizavam a classe trabalhadora.

Passei a atuar então, enquanto militante cristão, no núcleo de militantes cristãos universitários da Pastoral Universitária da UFRPE e depois do Movimento de Cristãos Universitários, fundado por dentro da PU por setores mais a esquerda. Após estudar onde ter uma atividade prática, optamos por atuar no meio popular, porque naquele momento o movimento estudantil, apesar de ser um movimento universitário, vivia um ambiente muito difícil, controlado e aparelhado, com as dificuldades que sempre tem o movimento estudantil quando forças políticas que momentaneamente hegemonomizam o movimento em uma universidade não estimulam o livre debate como forma de abrir canais para a ampla participação dos estudantes.

Então optamos por militar no movimento popular numa área próxima da universidade, uma decisão tomada de forma bem vanguardista, pois quando nós fomos à comunidade não sabíamos nem o caminho de como chegar lá

no primeiro momento. Saímos a perguntar e chegamos ao Sítio dos Pintos, que era a comunidade que tínhamos escolhido. Ali nos apresentamos como estudantes da Rural que estavam ali para discutir um projeto de hortas comunitárias, como forma que imaginávamos ser capaz de quebrar a resistência da comunidade em nos receber.

Deu certo, porque aos poucos nós fomos chegando, entrando na comunidade, visitando as pessoas e conversando com elas sobre diversos assuntos. Até que um belo dia numa reunião num barzinho com uma mesa de sinuca, um senhor que estava lá sentadinho no seu canto disse: “Olha, a gente não está aqui atrás de horta. Precisamos de uma associação de moradores”. Aí descobrimos que ele era um antigo militante das ligas camponesas que estava morando ali na comunidade, seu nome era Manuel Marques.

Foi decidido nesse momento que esta era a prioridade número um, porque a partir dali nunca mais se falou em horta e se falou o tempo todo em associação, começando o processo que levou à fundação da entidade.

E muitas lutas foram organizadas por associação de Moradores do Sítio dos Pintos.

A comunidade não tinha caminhos até ela asfaltados, não tinha ônibus, a iluminação era precária e não tinha assistência médica nenhuma. Era uma comunidade com o nível de vida bastante precário. Então a primeira grande luta foi levar ônibus para a comunidade e esta foi a primeira vitória de muitas que transformaram o Sítio dos Pintos no bairro que tem o nível de urbanização atual.

Estávamos ali nessa militância. Só que nesse caminho o grupo começou a perceber que o movimento estudantil da universidade estava mudando de posição, de práticas, porque

a força hegemônica naquele momento estava em crise, e estavam abrindo espaços.

E foi discutido que algumas militantes deveriam sair daquele trabalho popular e se dedicar ao movimento estudantil na universidade. Eu fui um deles.

Nesse momento estávamos vivendo uma transição da hegemonia do MR-8, que foi até o início de 1981, que era a grande força do movimento estudantil da Rural, que sofre um grande racha. A grande maioria estava saindo do MR-8 e entrando no PCB. Então, os mesmos militantes praticamente saíram do MR-8 e foram para o PCB, mas como a organização era diferenciada, o grupo abriu um espaço para novas idéias e novas práticas.

Foi nesse período que eu fui fazer movimento estudantil. Eu fiquei no movimento popular até consolidar a grande conquista, os ônibus. Depois disso eu comecei a participar das discussões do movimento estudantil no Diretório Acadêmico (D.A.) de Veterinária, e fui escolhido para ser secretário geral. Disputei o DCE com uma chapa de oposição, perdemos e organizamos uma oposição. Fizemos um trabalho de um ano de organização e em dezembro de 1984 nós ganhamos a eleição do DCE. Eu era de novo o Secretário-Geral da chapa. E fomos fazer todo um trabalho de reconstrução do movimento, que nós achávamos que estava muito devagar. E enfrentamos muitas lutas, a exemplo da eleição direta para reitor, diretas para a representação estudantil nos conselhos da universidade e tantas mais. E nesse período a gente reinsertou o movimento estudantil da Rural no movimento estadual. Nos debates da União dos Estudantes de Pernambuco foi realizado um congresso da entidade, onde a oposição ganhou depois de muito tempo de

hegemonia de uma coalizão entre o PCdoB, MR-8, PCB e outros grupos.

E eu estava lá na chapa vencedora, que era uma composição entre militantes mais identificados com o PT. Tinha gente da tendência estudantil “caminhando”, que era do extinto PRC (Partido Revolucionário Comunista), e de O Trabalho, e de organizações clandestinas, como eu e outros que nesse debate de marxismo e de luta revolucionária tomamos contato com outra organização a Política Operária, a POLOP. Eu militei nos últimos anos da POLOP que se dissolveu em 1986. Muita gente pensa que foi bem antes. Eu militei no último núcleo da POLOP do Estado.

Tudo isso era um caldo, uma efervescência, porque eu militava na Igreja progressista, mas tinha contato com uma organização marxista, clandestina e que construiu o PT. Um tempo de muita atividade, uma coisa tão intensa que ocupava todo o nosso tempo. Ia na aula, cumpria as tarefas do ME no DA de Veterinária, no DCE, na UEP e depois saía dali e ia militar no PT, no núcleo da universidade e ainda contribuía com o Núcleo da Brasilit.

Foi uma geração que se dedicou integralmente a esse sonho de construir uma organização dos trabalhadores que fosse independente dos patrões e que tivesse um efetivo papel na luta de classes. Que tivesse força para elevar o patamar de organização, capacidade de mobilização e de consciência da classe, saindo do estágio de “classe em si” para o de “classe para si”, e protagonizar a construção do socialismo no Brasil. A minha juventude foi toda dedicada a isso. Foi uma juventude muito generosa.

Quando nós entrávamos na universidade você sempre era abordado pelo pessoal dos mais diversos movimentos. Eu fui convidado por um conterrâneo. Se encontrava muitos

jovens do interior naquela época, como se encontra até hoje. Um conterrâneo que fazia parte da Pastoral Universitária e do movimento estudantil, também.

Só que ele era da área de mais influência do PCB. E ele me chamou para uma reunião da pastoral. E eu fui lá ver. E aquilo bateu comigo, então. E a partir dali eu fui ficando. Fui a uma primeira reunião e na terceira eu já fui entrando. Eu tive sorte de ser iniciado pela Pastoral, porque diferentemente de muita gente, eu não entrei para ser doutrinado numa linha. Primeiro porque a Pastoral era a que melhor formava, por estimular muito o estudo. Então tínhamos grupos de estudos em que íamos estudar a tradição da esquerda marxista. Não se estudava uma das tradições, mas se estudava todas: trotskismo, stalinismo, marxismo-leninismo e aqueles que não se situavam em nenhum ou outro campo. Você estudava tudo, inclusive a tradição das várias Internacionais. Os assessores também conseguiam documentos clandestinos de outras organizações para a gente ler e discutir. Então a gente tinha uma formação ampla e boa. Na Pastoral atuavam muitos quadros que dominavam muito bem o arsenal teórico do marxismo e transitavam entre as diversas organizações e eram muito respeitados.

Considero uma sorte começar desse jeito. Posso dizer que tive uma formação ampla e profunda e acumulei a capacidade de compreender os debates porque eram muitos grupos. Então quem não tinha nenhuma informação ficava ali perdido para entender aqueles dialetos diferentes, e a gente tinha acesso aos debates, porque o movimento estudantil debatia muito. Era muito texto, jornal, documentos de grupos que circulavam.

Não eram apenas documentos para formar no sentido *stricto*, era também o debate de propostas pontuais, que

muitas vezes eram bem embasadas, com textos. Isso também ajudava muito na formação da militância.

Quando eu fui abordado e passei a militar, primeiro numa tendência chamada Travessia, que era muito forte na UFPE, mas na Universidade Rural era fraquinha e tinha poucos contatos, e era a tendência estudantil da POLOP ou PO como era conhecida também, já tinha um nível razoável de formação. A PO era uma das organizações que tinha um nível de formação política muito forte. Lá se aplicava um curso básico que era condição para o recrutamento. Era um material que tinha dez aulas e cada aula tinha um tema, com vários livros e textos da organização como subsídios. Por exemplo, se fazia um estudo sobre imperialismo ou sobre o capitalismo no Brasil. Quem conseguia terminar já saía com um nível de apuro político muito grande e preparado para assumir as responsabilidades de um militante da organização. Eu tive as duas oportunidades. Eu tive a formação da Pastoral e da PO. E depois fui seguindo e aprendendo com o PT, com as lutas, com a vida.

Quem foi formado naquele período estudava muito, militava muito, vivenciava uma práxis. Por isso quando você vai olhar hoje os principais dirigentes em várias áreas da política brasileira vê que são desse tempo e dessa geração, porque a turma era muito bem preparada.

Havia um apreço e uma dedicação muito grande à formação política. E eu sou fruto desse processo e dessa dinâmica que combinava muita ação e muita discussão.

Quando fui convidado para o Diretório Regional do PT e entrei para a executiva estadual, a tarefa que assumi foi organizar a secretaria de formação política, que até então não tinha no PT de Pernambuco.

Quando olho para trás e comparo com a situação dos movimentos hoje, vejo como foi importante para o país a contribuição dos que foram para os mais diferentes ambientes, ou seja, para os bairros populares, para as comunidades rurais, para as fábricas e para as universidades pregar um mundo novo, fraterno e justo, e conquistaram milhares de pessoas para essa luta. Falo aqui da militância cristã da teologia da libertação. Diferente das organizações da esquerda tradicional que ficou muito restrita ao meio universitário, esse setor da esquerda brasileira deu uma inegável contribuição para a luta do nosso povo. Estas experiências forjaram o que sou hoje, um militante que neste ano de 2012 completa 31 anos de luta política e que cada vez mais me convenço de que continua válida e atual a opção de vida que fiz no começo.

Renildo Calheiros⁶

Depois de aprovado no vestibular em fins de 1978, foi em 1979 que comecei a estudar Geologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cujo período foi marcado por uma luta muito grande na universidade por melhorias do R.U. e para se barrar as medidas que limitavam a assistência estudantil nas universidades logo no início.

Também nesse período tive o conhecimento de um movimento pela reconstrução da UNE chamado de movimento Pró-UNE. Eu era recém-chegado à universidade com a cabeça raspada e tinha um diretório acadêmico da área II que estava começando a movimentação e eu estava no D.A.

⁶ Formou-se em Geologia na UFPE. É Prefeito da Cidade de Olinda-PE e filiado ao PC do B-PE.

com alguns colegas. Abriram as inscrições para as pessoas serem delegadas. As pessoas diziam: “você tem que se candidatar”. Eu achava que não tinha chance nenhuma, porque eu não conhecia ninguém direito porque havia chegado a pouco tempo e tinha mais contato com o pessoal da minha turma ali. Mas com o incentivo dos colegas eu acabei me inscrevendo como delegado. Era uma quantidade enorme de delegados, se não me falha a memória a área II tinha direito a 9 delegados ao Congresso da UNE. Tinha o dia da eleição e antes tinha a campanha dos delegados que passavam em salas de aula para apresentar ali a sua plataforma, as suas bandeiras. Embora muito jovem e novo participei daquele movimento de passar em sala de aula e apresentar algumas idéias. Acabei sendo delegado e participei do Congresso de Reconstrução da UNE em Salvador.

A UNE foi reconstruída e se marcou a primeira eleição para a diretoria da entidade, que foi feita e elegeu como presidente um estudante que presidiu as principais plenárias do Congresso de Reconstrução. Era também presidente do DCE da Universidade Federal da Bahia e chamava-se Ruy César.

Voltando do congresso eu estava participando ativamente do movimento estudantil. Fizemos ainda em 1979 na UFPE protestos por suplementação de verbas. As universidades já viviam esse processo de estrangulamento de recursos e faltava verba para comprar material de laboratórios. A universidade já começava a viver muitas dificuldades.

Nesse período os diretórios acadêmicos foram se multiplicando. Na época se tinha diretório por centro, como o D.A. do CTG, de Saúde, do CFCH. Cada curso começou a fazer o seu Diretório. Foi um período do movimento estudantil muito intenso na universidade e de muito

crescimento do movimento estudantil e das próprias lideranças, porque naquela época não se tinha apenas a plataforma das universidades, porque o País vivia numa ditadura militar e as lutas se juntavam todas: luta por anistia, constituinte, eleições e as plataformas estabelecidas na universidade, nos cursos, eleições diretas para reitor, participação dos estudantes nos órgãos colegiados; nas universidades particulares se tinha a luta contra os aumentos abusivos das mensalidades. Nas federais a luta contra o aumento das refeições do R.U.

Como nos departamentos se reproduzia aquele sistema autoritário que existia fora da universidade, então mesmo dentro da universidade se tinha muitas lutas democráticas que se juntavam a essa luta mais geral que existia fora das universidades. Não se tinha muito como separar as lutas gerais com as específicas do movimento estudantil, porque tudo acabava numa questão autoritária da universidade que era reflexo de um ambiente sem democracia alguma na sociedade.

Pouco depois dessa experiência inicial fui Presidente do D.A. de Geologia e depois fui eleito Presidente do DCE da UFPE com a chapa Mudança. Fizemos uma plataforma muito ousada para a universidade na época e vencemos as eleições.

Na UFPE haviam vários partidos organizados como MR-8 , que tinha como lideranças maiores Alzira Mindelo e Luis Falcão. Alzira fazia Ciências Sociais e Luis Falcão, o Lula, Economia, como o próprio Alberto. Tinha um movimento muito forte na Medicina que estava ligada a uma organização política chamada POLOP, que é de onde vem Humberto Costa, Jarbas Barbosa, Lipídio, Amélia e uma série de lideranças que depois se migraram para o PT. Parte desse pessoal foi para uma corrente que foi criada depois pelo

Deputado José Genoíno chamada PRC, depois dissolvida. Também tinha o PCB, cuja participação importante se dava nas mais nas Ciências Sociais e um pouco no curso de Direito. O PC do B era um partido novo a atuar dentro da universidade e eu ajudei a criá-lo ali, pois surgiu basicamente no Centro que agregavam a área de Engenharia, onde a Geologia está ligada, que era o Centro de Tecnologia e Geociências (CTG).

Ganhamos ali o diretório acadêmico do curso básico e depois ganhamos outros diretórios, como na Química. Havia várias outras organizações menores. Mas que era maior na UFPE era o MR-8, que presidia o DCE. Mas o PT ganhou muita força nesses grupos e passou a dominar, sendo depois substituído pelo PC do B, que foi a maior força dentro da UFPE. Foi no período em que fui Presidente do DCE.

Havia outras organizações de matriz mais trotskista na Química, que se chamava “Alicerce”. Depois eles viraram “Mobilização Estudantil”. É hoje o pessoal que se organiza em torno do PSTU ou do PSOL. Também tinha o PCR, mais era um partido pequeno.

Havia vários grupos pequenos, mas quando o PT surgiu vários deles se agruparam nele. O PC do B participava mais ligado ao PMDB, cuja tendência se chamava “Tendência Popular”. As outras organizações eram mais complexas porque não se interessavam pela luta pela anistia ou constituinte. Tinha uma política que se distanciava dos outros movimentos.

Na UFRPE tinha uma composição diferente, porque o PCR era muito forte lá, assim como o PCB. E o PC do B era muito pequeno por lá. Na Católica o PC do B tinha muita força, assim como na Fafire.

Os partidos políticos estavam surgindo ali e as coisas não estavam muito bem definidas. Esses partidos estavam

voltando para a luta política e as plataformas não eram muito bem definidas. Se tinha grandes embates em torno da questão da anistia e nenhuma corrente que era contra a luta da Constituinte porque achavam que defender a anistia era admitir que tinham feito alguma coisa errada ou algum crime. E que para isso precisava ser anistiado.

Os que eram contra a Constituinte achavam que vivíamos numa sociedade burguesa e a constituinte reproduziria essa sociedade. Então na análise deles a constituinte não interessaria aos trabalhadores, pois haveria mais um controle sobre os trabalhadores.

Então eram movimentos com um grau de polêmica e de disputas políticas muito fortes, mas isso acabou sendo importante, porque ajudou a preparar e a formar toda essa geração através desse debate político intenso.

Luciana Santos

A minha formação foi muito influenciada por meus pais. Ambos foram filhos de operários que moravam em Santo Amaro. O meu pai sempre fez da minha casa um ambiente de estudo e de debate político. Então ele dava aulas para a gente desde quando éramos crianças, mas também nossos amigos de turmas e os agregados todos.

Como meu pai era professor de Matemática e também engenheiro, por mais que ele quisesse dizer para a gente não seguir a profissão dele, a gente era

influenciado mais pelo gesto e pela atitude dele do que por ele ter solicitado que a gente o seguisse.

Quase todos os meus irmãos fizeram Engenharia. O mais novo que foi para o lado da Educação Física, mas mesmo assim fez vestibular para Engenharia por causa desse ambiente que era criado dentro de casa, tanto de muita matemática, como pelo debate.

Entrei no curso de Engenharia Elétrica da UFPE em 1984. E desde o primeiro momento tive contato com o movimento estudantil da Universidade por meio de pessoas do PC do B. Foi uma pessoa do PC do B que vi atuando no dia da minha matrícula, que estava com um megafone fazendo uma agitação. Ele era o Presidente do DCE da UFPE, o Renildo Calheiros.

Uma amiga que havia entrado um semestre antes já me dizia um semestre antes de duas pessoas que estavam no movimento estudantil da Engenharia, o próprio Renildo Calheiros (que estudava Geologia) e o Raul Henry (que estudava Engenharia Civil).

Foi o Raul que inclusive me convidou para me candidatar pela primeira vez no movimento estudantil para ser delegado num Congresso da União Nacional dos Estudantes de Pernambuco (UEP).

Eu conheci o PC do B por sua atuação no movimento estudantil, mas também tinha um professor de Física que era do Partido que me chamou muito a atenção no início, porque além de ser muito competente, também era muito centrado e convincente.

O PC do B tinha uma vida de movimento estudantil maior e muito mais proativa. Daí tinha uma

corrente de partido chamada Viração. Então eu entrei na Viração e comecei a conhecer outras pessoas.

Eu entrei também no D.A., convidado por um estudante chamado Henrique. De 1984 e 1987 eu fiz movimento estudantil na Viração. Fui do D.A., fui para congresso da UEP e da UNE. Só em 1987 que entrei no PC do B.

Essa era uma época do Colégio Eleitoral, que discutia quem ia e quem não ia. O Congresso da UNE na época de Renildo ficou polarizado com essas opiniões. O que fazer? Ser contra ou ser a favor do Colégio Eleitoral? E a Viração - que tinha o pensamento do PC do B nisso - era uma organização de juventude que tinha influência do PC do B e refletia esse pensamento, que era mais amplo e defendia o Colégio Eleitoral. Quanto a isso divergíamos do pessoal do PT.

Na UFPE tinha uma luta muito grande quanto ao preço e a qualidade do R.U., bem como da situação da Casa do Estudante. Também tinha muita reclamação da alta reprovação na área II, da didática dos professores e da falta de eleição direta para Reitor da universidade.

Havia no movimento estudantil da UFPE a Viração, que era mais ampla e não abarcava somente o pessoal do PC do B. Eu ainda peguei a Travessia e a POLOP a nível nacional. Na verdade peguei uma transição, quando já não havia mais MR-8 na UFPE. O PC do B ainda tinha pouca influência e militantes, enquanto o PRC (que era uma corrente do PT) era a maior força que se tinha por lá. Eles ficaram durante três gestões seguidas no DCE da UFPE.

Mas o PT e o PC do B tinha uma boa disputa no movimento estudantil, porque eram os partidos políticos que procuram ter vida orgânica, ter luta nas frentes de massa. A direita nunca se organizou, a não ser na Faculdade de Direito, que foi a única faculdade de maneira mais organizada e assumida que a direita teve algum espaço, mas mesmo assim sempre teve muita dificuldade. Ela não tinha vida perene no movimento estudantil.

Quanto à UNE, posso dizer que chegar a ela foi uma consequência, porque quando fui eleita delegada da UEP - e como era lá que se elegiam os delegados para a UNE - eu fui então participar do congresso que elegeu Renildo Calheiros Presidente da UNE, que foi no Maracanzinho. Daí fui candidata a Presidente do DCE numa época em que o PRC era muito forte. A gente perdeu para Paulete e depois para Sheila. Mas dirigíamos o D.A. da Área II e passamos a crescer na universidade e a influenciar outros diretórios acadêmicos. Na minha época fizemos uma base enorme do PC do B, que era gigantesca e criou muitos frutos, teve vários quadros.

Na UNE fui vice-regional, numa época em que já havia na entidade o critério de proporcionalidade, onde as diretorias eram distribuídas de acordo com o número de votos. Foi nesse período também que abri o congresso das Diretas Já ali na Dantas Barreto, quando devia ter umas vinte mil pessoas.

O principal legado de nossa geração foi o de ter permitido ao movimento estudantil uma posição

conseqüente nessa transição democrática, porque foi uma transição necessária para que tivéssemos mais liberdades democráticas e para se ter um projeto mais ousado como aquele que tivemos a partir de 1989, que permitiu e possibilitou a candidatura de um operário e tudo que ele representava.

Não tem como isolar a luta da universidade, porque a universidade e suas escolas não são uma ilha. Elas dependem das grandes decisões políticas desse País, porque se não tiver vontade política e projetos políticos claros - seja na condução do País seja na condução do Estado - as nossas lutas terão muitos limites. É óbvio que elas confluem com as lutas específicas na melhora da qualidade do ensino e desse cotidiano de manutenção da universidade, com da assistência estudantil ou daquilo que move o dia-a-dia do estudante, como a elevação do seu nível cultural, da política do esporte, etc. Isso tudo faz parte da vida da juventude e naturalmente as entidades estudantis precisam ter uma política voltada para isso.

Então o nosso legado foi o bom resultado da transição democrática, que veio depois com a ruptura da agenda neoliberal.

Para os jovens deixo a mensagem para que sejam competentes e busquem o conhecimento, mergulhem e se dediquem naquilo que gostam de fazer, porque só assim vai ser um jovem mais livre.

**MOVIMENTOS
CATÓLICOS
E DE ORIGEM POPULAR**

Reginaldo Veloso⁷

Com juventude, trabalhei um pouco no começo dos anos 1970, ajudando um amigo e companheiro de trabalho – o Padre Adriano Jansen – na organização do Movimento S'IMBORA, que foi o embrião do Movimento de Jovens do Meio Popular, aqui no Recife.

Mas a JOC, a Juventude Operária Católica, anterior a esse movimento, desde os anos 50, vinha sendo um espaço de mobilização e formação humana, política e cristã para jovens trabalhadores (as) urbanos (as).

No início dos anos 1960, ocorreu um processo de radicalização do compromisso político dos militantes da JOC, quando, dentro de toda aquela fermentação política, a juventude teve uma presença muito forte. A JOC, também, foi alvo de uma repressão muito forte por parte do regime militar. Aí as equipes de JOC ficaram muito reduzidas, com um campo de atuação muito limitado, sobretudo, a partir de 1968 (AI 5 etc.). Aqui no Recife, a JOC tivera presença significativa. E também foi significativa a repressão contra a JOC, já entre os anos 64 e 66 quando eu ainda estava na Europa. Não esquecer que foi no seio dessa juventude operária e cristã que se formaram várias e expressivas lideranças do movimento social e político, como João Francisco e “Mexicano”, de saudosa memória, e o próprio

⁷ Presbítero das CEBs, Assistente do Movimento de Trabalhadores Cristãos - MTC (antiga ACO), Assessor do Movimento de Adolescentes e Crianças - MAC, Assessor do Projeto de Animação Cultural - PROAC (Secretaria de Educação - Jaboatão dos Guararapes).

João Paulo, uma das expressões nacionais do “sindicalismo autêntico”, um dos fundadores da CUT e do PT, depois, Prefeito do Recife.

Foi, justamente, quando eu comecei a ter um certo contato com a JOC, uma certa aproximação com o que restou dos militantes depois da repressão, dada a minha aproximação com o Padre Adriano Jansen, que era o assistente regional da JOC aqui em Pernambuco. E eu pude perceber que eles ficaram muito limitados na sua atuação como militantes, trabalhadores. Sentiu- então, que era o momento de criar um certo espaço para os jovens trabalhadores nos ambientes de Igreja que permitisse uma certa mobilização deles sem atrair demais a repressão do regime, da ditadura.

Urgia, então, a criação de um movimento mais “leve” do ponto de vista de sua atuação política, mas que continuasse como presença no meio da juventude trabalhadora, fazendo o que se podia fazer, ou seja, trabalhar uma certa consciência política que ajudasse os jovens a entender o momento e os seus desafios, suas limitações e possibilidades de ação, sem deixar essa juventude simplesmente entregue a si mesma. Um trabalho educativo, sempre utilizando a dinâmica criada pela JOC, o método VER-JULGAR-AGIR, que pudesse garantir uma consciência básica de cidadania e fé, e a vontade de influenciar os companheiros e colegas, ajudando-os a perseverar na sua caminhada militante, ao mesmo tempo política e cristã, no meio dos jovens trabalhadores.

E aí o Movimento dos Jovens do Meio Popular (MJMP) teve uma grande expansão nas paróquias cujos padres que tinham uma visão mais comprometida com a problemática do povo. E nesse período havia vários, o que permitiu que houvesse um crescimento desse Movimento bastante rápido.

Partiu-se, então, para um trabalho mais organizado do ponto de vista da Igreja institucional, com uma Pastoral de Jovens do Meio Popular (PJMP), que é o que existe até hoje, com certa expressão. Existiam em vários bairros e existia uma articulação na região metropolitana, mas também surgiu no interior. E houve encontros regionais de jovens do meio popular. Houve até encontros nacionais. E despontaram algumas lideranças. Uma das lideranças no meio da juventude, agora como educador social, é o João Simão Neto.

Passei dez anos na Macaxeira e em 1978 eu vim para o Morro da Conceição. Todo esse tempo, então, o meu trabalho foi muito na linha das Comunidades Eclesiais de Base, porque as paróquias eram entidades muito centralizadas numa igreja matriz, tudo girando em torno e na dependência da pessoa do padre. A paróquia passava, então, a ser dividida e organizada em pequenas comunidades, onde o povo assumia toda a organização da vida da Igreja local, inclusive financeiramente. Nós começamos isso na Macaxeira, mas concretizamos isso de maneira plena no Morro da Conceição, tendo cada comunidade dessas seu grupo de jovens ligado ao Movimento de Jovens do Meio Popular.

Dentro desses espaços de Igreja ressurgiram as associações de moradores, cuja existência, com a repressão, se reduzira a de Brasília Teimosa e Nova Descoberta. Mas, à medida que os espaços de democracia foram se abrindo, foram surgindo novos conselhos e/ou associações de moradores, em cada um desses bairros onde a Igreja estava presente e atuavam as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), claro, com participação de adultos e de jovens, ligados a Movimentos como “Encontro de Irmãos” e “Movimento (depois, Pastoral) de Jovens do Meio Popular”, como vimos acima.

Uma reflexão que faço é que, quando os diversos movimentos de juventude oriundos do meio de trabalhadores urbanos e rurais, de estudantes etc. se deixam ir a reboque dos partidos, vão perdendo, pouco a pouco, sua autonomia e sua fidelidade às causas próprias da juventude e do seu meio. Convertidos em meros cabos eleitorais, meras células de partido, pouco a pouco, vão deixando as causas realmente populares, juvenis ou estudantis em segundo plano. Essas mesmas causas ficam apenas usadas no discurso, em tempos de eleição, para se conseguir eleger fulano ou sicrano. Aí não tem jeito: perdem a essência dos seus movimentos, sua autonomia e fidelidade às causas que lhes deram origem.

João Paulo de Lima e Silva⁸

Meu nome completo é João Paulo Lima e Silva. Nasci no dia 31 de outubro de 1952, em Olinda, Pernambuco, embora meu nascimento foi registrado apenas no dia 31 de dezembro. Meu pai foi operário de fábrica, passou jogo de bicho e se aposentou como cobrador de ônibus da CTU, a antiga Companhia de Transportes Urbanos. E minha mãe sempre foi doméstica. Eu era um menino pobre, pois enfrentei por diversos momentos o desemprego dele e as dificuldades em ir morar em casa alugada com pagamento do aluguel, inclusive, também, tendo a dificuldade de fazer a feira, que se tornava possível em diversas vezes

⁸ Foi Prefeito do Recife-PE por duas gestões e atualmente é deputado federal pelo PT-PE

quando vendíamos algum eletrodoméstico da casa para isso.

A minha formação escolar ocorreu com dois cursos técnicos que fiz, Edificações e Mecânica, pela Escola Técnica Estadual Professor Agamenon Magalhães. E há quase dez anos tento concluir a graduação em Economia pela Faculdade de Boa Viagem.

O meu pai é de São Luis de Quitunde, Alagoas, mas veio aqui para Recife em busca de trabalho e de opção de emprego. E já tinha passado por Maceió, onde trabalhou na *Panair* do Brasil. E eu me lembro que ele falava que vivia muito bem até então, mas com o fechamento da empresa, veio pra cá e trabalhou em comércio. Meu pai foi uma pessoa que sempre trabalhou muito para ganhar a vida.

Meu pai e minha mãe tinham um sonho muito grande para que estudássemos e não tivéssemos o mesmo destino que eles. Então eu estudava muito. E como a minha madrinha era uma pessoa extremamente religiosa e ligada aos carmelitas, então durante um bom tempo eu pensei em ser padre. Mas como padre não casava e não tinha filhos então eu dizia: “estou fora desse negócio”.

Eu tinha um lado de preocupação com as outras pessoas muito grande. E num determinado momento eu fiz uma alfabetização espontânea e sem estar ligado a método Paulo Freire e nem nada. Fiz isso muito mais por não achar justo ter pessoas no mundo que não soubessem ler e escrever.

No início de 1971 eu conheci a Juventude Operária Católica, a JOC. Quando eu estava iniciando um curso técnico de Edificações foi aí que comecei a entender o porquê do sofrimento tido por meu pai e por muitos outros pais e jovens no meu bairro, no Iburá. E comecei a observar que a causa maior era fruto de uma sociedade que não estava organizada. E tínhamos muitos exemplos no mundo de povos que se organizaram e mudaram com essa experiência, principalmente os países do Leste Europeu.

Aí eu comecei, dentro do movimento da JOC e através da Igreja por meio do método Ver-Julgar-E-Agir, a organizar os jovens do meu bairro. E aí nós tínhamos momentos de reunião em que discutíamos os principais problemas da juventude, como o emprego, o lazer, a cultura, a gravidez indesejada, a utilização de drogas e a independência da própria juventude.

Com isso nós começamos a fazer muitas reuniões e mobilizações no início dos anos 1970. Isso ficou sendo vigiado, pois eu soube muitos anos depois que tinha uma agente da Polícia Federal que acompanhava esse processo lá.

Depois dessa experiência eu entrei numa fábrica como estagiário e começamos a organizar os primeiros pontos de resistência contra a ditadura a partir da organização dos trabalhadores no seu local de trabalho. Depois trabalhei na Sotisque S.A. e na Hidromecânica de Victore, todas metalúrgicas. Quando voltei da experiência na Europa, trabalhei na Produsa Produtores Siderúrgicos. E organizamos as primeiras comissões de

fábricas clandestinas, mantendo uma relação intersindical com outras categorias de trabalhadores, tais como gráficos, bancários ou do setor de bebidas.

Como nos organizávamos a partir dos locais de trabalho, como estudantes secundaristas, a nossa organização era muito limitada. Eu estudava numa escola que estava listada nas áreas de segurança no Brasil inteiro. E tinha um tratamento muito especial, o que fazia ter uma perseguição muito grande contra qualquer tipo de organização.

Então eu já estudava desde 1965, quando fiz o exame de admissão na Escola Técnica Estadual. Então, a partir de 1966 e no início de 1970 eu estudei nesse local, onde o regime era extremamente rigoroso, quase que num sistema militar. Inclusive a parte de treinamento de educação física era feito numa área militar, o que dificultava ainda mais qualquer tipo de organização.

Foi no início de 1973, quando eu fiz alguns questionamentos sobre uma taxa que tínhamos de pagar, me deram vários dias de suspensão. E até queriam transferir a mim e aos colegas dessa escola por causa dos questionamentos que fazíamos. Eu dizia que a escola era muito eficiente para cobrar as taxas que muitos nem podiam pagar, mas não tinham toda essa eficiência para cobrar do professor que estava faltando, da falta de material nas oficinas ou outras deficiências. Esse tipo de movimento estudantil nas escolas técnicas era difícil, e é por isso não se ouvia falar muito nele.

E começamos um processo de formação política de trabalhadores, organizando as primeiras comissões

de fábricas clandestinas aqui em Recife. E foi feito um trabalho de oposição sindical nas fábricas metalúrgicas até 1983, quando tomamos a direção do Sindicato dos Metalúrgicos.

No nosso trabalho, que estava focando no movimento operário e nos movimentos das comunidades, foi iniciado no próprio movimento de Igreja com o questionamento ao modelo de sociedade capitalista que apontava a necessidade de uma mudança de modelo.

Em 1978, através dos contatos com o pessoal dos movimentos de igrejas, eu recebi um convite de Paulo Freire para estudar durante seis meses na Europa. Foi no Cedal, portanto, o Centro de Estudos de Desenvolvimento da América Latina, que estudei com os professores que estavam exilados do Brasil, Chile e Argentina. E junto com Paulo Freire nós estudamos desde o surgimento do homem até o que nós chamávamos de países em transição para o Socialismo. O que já era uma crítica ao centralismo democrático e à ditadura do proletariado.

E estudávamos Economia, História, Filosofia. E também tivemos nessa época o contato com o movimento sindical francês, italiano, português e espanhol. Na Espanha, só em Madri, eu passei trinta dias em movimentos comunitários de trabalhadores. Nós ficamos na casa de trabalhadores que estavam na luta. E estudamos a história do movimento sindical na América do Norte, na Europa e na América Latina.

E antes de ir para a Europa eu passei a ser militante do PCR. Não era filiado, mas tinha uma militância clandestina. Eu fui recrutado por um companheiro depois de dois anos de observação, que foi o Antônio Medina. Ele foi o primeiro nome do Partido que tive contato. Ele me falou que haviam estudado toda a minha história de vida durante dois anos para poder fazer o convite e me deixar participar da organização. O meu trabalho era dentro do movimento operário e de ação em fábrica e no movimento sindical. Nós realizávamos, além de estudos d' O Capital, do Manifesto Comunista e de tantos outros, um trabalho reservado e clandestino com toda uma cadeia de segurança e de proteção por trás. Mas foram momentos significativos e de aprendizado político.

Eu acho que a Igreja e o PCR me ajudaram muito na minha formação ou capacitação política. Também o estudo que eu fiz na Europa e nos diversos seminários aqui no Brasil me ajudaram, sem falar nos diversos conflitos que eu participei, como as mais de mil greves aqui em Recife, que me resultaram em treze prisões e em dois enquadramentos na Lei de Segurança Nacional, ocorridos por conta de uma greve geral que nós fizemos nos anos 1980. Além de quatro costelas quebradas e um pulmão perfurado numa luta por posse de terra, já na condição de deputado estadual nessa década.

Então foram nesses momentos de efervescência política que tive a oportunidade de ser membro de comissão de fábrica clandestina, cipeiro (era representante da CIPA em fábrica), delegado sindical,

presidente de associação de moradores e membro da JOC responsável pela cidade e região. Fui o primeiro vereador do PT em Recife, o primeiro deputado estadual pelo Partido (junto com Humberto Costa), tive três mandatos de deputado (sendo o mais votado), o primeiro Prefeito operário da cidade de Recife, o primeiro prefeito a ser reeleito na cidade e o primeiro prefeito a fazer o seu sucessor no primeiro turno.

Eu participei da fundação do PT em Pernambuco, e logo fiz campanhas para novas filiações ao PT. Mas como eu estava muito no movimento de fábrica, então o meu trabalho inicial no PT foi muito mais nos bairros que na direção partidária, pois aqui em Pernambuco o PT foi formado em parte pelos membros dos movimentos de igreja, por alguns militantes revolucionários de várias organizações, intelectuais, movimento sindical e movimento comunitário. Mas o movimento sindical teve um papel muito grande na criação do PT aqui. E essa formação do PT aqui no Estado levou de imediato à primeira candidatura a Governador com Manuel da Conceição.

Mas eu acho que para minha formação política, a maior influência foi da JOC, com o padre Adriano Jansen, depois com o Padre Romano Evufferri da Ação Católica Operária. Depois no movimento operário, com o Padre Henrique Corsat, e o padre Jorge Talisoto, que foi Presidente da JOC nacional e do padre Agostinho Preto da Ação Católica Operária Nacional. Acho que essas pessoas foram as que mais me influenciaram para a consolidação da minha militância política.

Nesse período de minha juventude vivíamos uma alienação muito grande, onde cada um estava buscando uma saída pessoal através do estudo e do esforço pessoal. Então todo o nosso esforço naqueles movimentos de juventude era conscientizar para uma causa coletiva, porque nós acreditávamos que um outro mundo era possível. E uma sociedade nova era possível. E para a realização desse sonho, na verdade, outros companheiros e eu estávamos dispostos a tudo para lutar por esse sonho para todos. Mas o nível de alienação no meio dos jovens era muito grande. E o nosso trabalho de conscientização era muito a partir de uma reflexão pelo método Ver-Julgar-E-Agir, que era utilizado pelos movimentos de Ação Católica, como a JUC, a JEC, a JOC, JAC e a Ação Operária Católica, essa última era dada por pessoas que tinham uma idade maior e quando saíam desses movimentos juvenis se dirigiam a ela.

Então se fazia um questionamento muito grande do modelo capitalista. Quando eu saí da JOC eu fui para a ACO, isso já na década de 80. E eu fui conselheiro nacional da ACO. Eu participei de movimentos com o padre Reginaldo Veloso, com Dom Hélder. Lembro-me, como num ato na Sete de Setembro, quando ficamos ilhados pela polícia com cachorro e bomba com Dom Hélder lá. Mas os movimentos de Ação Católica são independentes da Igreja católica, porque as nossas resoluções eram retiradas em congressos e sem subordinação ao Vaticano. Tanto prova que quando veio o golpe do Vaticano com João Paulo XX e

companhia limitada para acabar com a linha progressista da Igreja não atacou direto o movimento da Ação Católica, que tinha uma estrutura independente da estrutura oficial da Igreja.

O que perdeu muito foi a utopia. E se perdeu muito a valorização das pessoas e do ser. É o pouco do que sinto em relação aos movimentos de hoje. Nos movimentos que fazíamos tínhamos uma crítica muito grande ao modelo do sistema capitalista de desenvolvimento, se lutava pela construção do Socialismo, mas acima de tudo nós tínhamos um forte, que era o ser e os seus problemas. E a partir de sua vida e do processo de conscientização política, de valorização e de compreensão dos erros, na ajuda para que as pessoas pudessem conhecer a sua importância e a sua essencialidade. E ajudar as pessoas a superar as suas dificuldades.

E acho que hoje os movimentos ficaram muito pragmáticos. A luta pelos espaços das associações de moradores, dos sindicatos, dos partidos políticos, dos mandatos sindicais. Isso parece que virou um pouco a essência da política. E não um projeto político, a utopia de realizar um sonho de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Eu sinto um distanciamento muito grande nisso de quando eu comecei e hoje.

Eu penso que a nossa geração deixou conquistas. E o movimento sindical e os próprios partidos políticos, principalmente o PT, a organização da sociedade civil organizada deve muito a essa luta que todos nós fizemos no sentido de ter um mundo melhor.

Eu acho que o próprio mandato do Presidente Lula e os meus próprios mandatos, nós devemos muito a esse sonho e a essa utopia de querer mudar o mundo. E não só querer, mas acima de tudo lutar e avaliar cada passo que a gente dava na busca do sonho de um mundo melhor.

Para nós que fazemos movimentos populares ainda existe o preconceito de classe e o ódio de classe. Isso não é algo subjetivo, porque eu vi em diversos momentos em relação a minha gestão. Apesar de ter saído do governo com 88% de uma avaliação positiva, onde 77% eram de ótimo e bom. Mas em diversos momentos setores elitistas da sociedade tiveram um preconceito de classe e um ódio de classe muito grande.

Eu acho também que a consolidação da democracia ajudou muito. Foi a oportunidade que eu não tive na minha juventude. Não tinha o direito nem de se reunir. As nossas reuniões para a leitura d' O Manifesto Comunista foi feito muitas vezes em sacristia de igreja.

Uma mensagem que eu deixaria aos jovens é não desistir nunca de sonhar por um mundo justo e por uma sociedade fraterna e, acima de tudo, estimular outros jovens a tomarem consciência de que somos nós que construímos as riquezas do Brasil e somos nós que fazemos o mundo. E o ponto principal: o mundo pode ter outra direção.

Depois de mais de trinta e sete anos de militância, eu nunca fiz tanto por tanta gente como fiz na condição de prefeito em oito anos. Eu acho que os oito anos de

gestão na Prefeitura de Recife. E o Presidente Lula nunca fez tanto por tanta gente. Nunca um Presidente fez tanto por tanta gente como fez o Presidente Lula. E isso prova que o mundo pode mudar a partir de cada um de nós. Essa é a reflexão que eu faço: tudo pode mudar dependendo de como nós iremos enfrentar e dependendo do nosso posicionamento individual em função do coletivo.

Os jovens precisam resgatar os seus sonhos, não desanimar nunca, buscar o trabalho e entender a necessidade de não buscar solução só para o seu problema individual, mas tentar cada vez mais as ações coletivas. É preciso que os jovens possam participar do sindicato, das comunidades de bairros e ter uma participação mais ativa na vida política da cidade, do Estado e do País.

É preciso estimular muito uma reflexão no interior da juventude sobre o seu papel. E tinha uma música que nos fizemos no movimento da Juventude Operaria Católica: “E a força jovem pôs a mão no mundo. E a juventude fez o amor voltar”.

É preciso sensibilizar a juventude pra isso criando espaços e formas, porque o movimento carece de uma metodologia para que o jovem se sinta valorizado e estimulado a participar. Eu sinto uma diferença, pois eu sempre fui muito estimulado de que poderia crescer individualmente e coletivamente a partir do movimento.

MOVIMENTOS CULTURAIS DE JUVENTUDE

Fábio de Moraes Luna (Spider)⁹

Meu nome completo é Fábio de Moraes Luna. Sou mais conhecido em Recife e no Brasil como Spider. Sou natural de Recife, Pernambuco.

Os primeiros contatos que eu tive com a dança de rua e sua música propriamente dita – o que me fez ir para essa questão da dança – ainda era bastante jovem.

Não morava em Recife à época que eu conheci a dança de rua e a música que me fez gostar de dançar. Morava numa cidade que faz parte da região metropolitana de Recife, que se chama Camaragibe. Na época que eu me mudei para lá era ainda um distrito de uma outra cidade maior, que também faz parte da região metropolitana, São Lourenço da Mata. Foi lá que aflorou essa coisa de gostar de música, mesmo.

Mais ou menos nos meados de 1981 me deparei pela primeira vez com aquilo que ia definitivamente mudar a minha vida. Apesar de ser um fragmento de todo um universo que eu iria depois conhecer, foi o primeiro elemento de que nós hoje conhecemos como cultura Hip-Hop. Que eu vi e que me fez apaixonar por essa cultura tão urbana e ao mesmo tempo tão humana.

Na época que eu vi eu já dançava funk modestamente, e fazia parte da melhor geração daquela época. Apesar de não estar no Recife e sabendo que os melhores dançarinos e mais conhecidos eram de Recife,

⁹ É um dos fundadores do Hip-Hop em Pernambuco e atualmente é bancário, DJ e produtor cultural.

eu fazia parte de um trio de dançarinos de funk que era formado por mim, pelo Nelson e pelo Onéssimo.

Do grupo fui eu pela primeira vez que vi uma dança b-boy na televisão, sendo o responsável por democratizar aquilo que vi, pois quando olhei aqueles jovens dançando e a movimentação deles, aquilo bateu em mim.

Estou me referindo a uma matéria no Fantástico da Rede Globo mais ou menos oito e pouco da noite quando entrou o Cid Moreira com aquela voz dizendo o seguinte: "Você não acredita. Vamos mostrar aqui a pouco para você a dança maluca. Você não acredita no que esses jovens podem fazer". Eu me perguntei: "Dança maluca? O que ele vai mostrar?". De repente mostrou um flash. Eu estava bem despojado e nem ia sair essa noite. Ia ficar em casa. Mas quando mostrou os jovens fazendo os movimentos, se virando de costas, dançando parecendo um robô, eu não acreditei naquilo, não.

Eu esperei a matéria realmente entrar. Quando mostraram - hoje eu sei o que é e digo até o local onde foi feita a matéria - , na hora aquilo foi impactante demais para mim, porque eu achava que tudo que eu estava fazendo era antigo e não prestava.

Na verdade prestava sim. Mas a base de tudo que aqueles jovens estavam fazendo era o que eu estava fazendo naquele momento. Era funk. Mas era tão novo, impactante e tão cheio de energia. E mostraram os b-boys, os lockers e os poppers e tudo ao mesmo tempo, porque as pessoas que fizeram a matéria não tinham a

menor noção do que acontecia ali. Foi feito numa boate adquirida pelos japoneses numa época em que eles estavam adquirindo tudo dos americanos. Ficava no centro de Nova York. Essa matéria que a Globo fez e jogou naquele domingo foi feita lá no Bronx. Mostrou a dança que veio revolucionar as danças urbanas. Ali era mostrada a história da dança de rua com o break, o bop, o b-boy e o lock que anos depois se tornou uma verdadeira febre.

Naquela hora na minha casa estava tendo a oportunidade de conhecer isso sem preparação alguma. Veio ali a decisão de uma pessoa que foi tomada sozinho dentro de casa: é isso que quero fazer! Eu agora vou fazer isso aí!

Com isso não deixei as raízes, eu não deixei de dançar funk. Pelo contrário. Por dançar *funk* foi melhor ainda para mim, porque eu tive toda a ajuda do que vinha fazendo para desenvolver aquela dança que eu queria aprender. Mas aprender como? Como é que eu ia aprender algo que só tinha visto apenas alguns fragmentos na televisão?

Saí de casa correndo feito um maluco e fui parar num clube que também tinha lá em Camaragibe, que na época era o único lugar que a gente tinha para sair, a Casa da Música, que funcionava num galpão que durante a semana servia uma oficina mecânica, e que no final de semana era esvaziada para a galera alugar e fazer festas.

Eu saí de casa correndo uns dois ou três quilômetros e cheguei lá procurando meus amigos.

Juntei todo mundo e disse: "Vocês não vão acreditar no que vi agora! Eu vi aquilo que vai ser a dança que a gente vai fazer". Eu fiz para eles mais ou menos os movimentos sem saber.

No fim de tudo dois dos meus amigos que saiam comigo para festas, o Nelson e o Onéssimo, compraram a idéia. A gente começou a treinar na casa do Onéssimo. Era final de 1981.

Aí tentamos como loucos conseguir o máximo do máximo de informação sobre aquela dança que a gente até então nem sabia chamar o seu nome. Quando ia passar um filme que os caras estavam dançando íamos assistir. Ou quando tinha um clipe na televisão, também. Ficamos como doidos mesmo atrás de tudo, inclusive começamos também a ir atrás das músicas que os caras dançavam.

Como tocávamos em banda marcial como uma atividade extra-classe, então começamos a tocar em outros lugares, e foi aí que nos deparamos com pessoas que iam para os Estados Unidos - essas pessoas tinham um poder aquisitivo muito maior que o nosso - e voltavam falando dessas danças para nós. Era muito comum eles se depararem com esses espetáculos de rua.

Então essas pessoas começaram a se tornar como o elo de ligação entre aquilo que a gente queria saber com a informação que a gente precisava. Tentamos adquirir material visual, inclusive. Descobrimos nas lojas aqui duas revistas alemães que retratavam a juventude da Alemanha, e a dança chegando por lá.

O dinheiro que ganhávamos era para comprar

essas revistas, para tentar assistir filmes, etc. E diante disso tudo veio a idéia de se montar a primeira true, que se chamou "The Brother of the Breakers", que foi inicialmente composta por mim, o Nelson e o Onéssimo. A princípio ninguém assumiu nenhum nome e mantivemos os nossos nomes naturais.

A gente começou a dançar, a ir para bailes blacks. Só que a gente dançava funk. Quando a música começava a ser mais adequada a gente dançava a dança b-boy. A galera ficava de queixo caído e a gente ganhava todas as meninas.

Os bailes blacks aconteciam no Castelo Branco, que era a associação de moradores da Caxangá, que ficava ali no bairro de Torrões. Tinha os bailes com a Centauro Som. A gente também ia para os bailes do Sargento Wolf, que ficava entre a Ilha do Leite e Afogados. E também íamos para o Clube dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar, que ficava na Torre. Íamos para o Monte Líbano, que ficava no Pina. Nós íamos também para o Clube Rodoviário, que ficava na Imbiribeira. E na Associação dos Moradores do Pina. Basicamente esses eram inicialmente os clubes que íamos.

Depois ampliamos isso aí e fomos para o Clube Internacional, que ficava na área do Derby. Chegamos a ir para o Santa Cruz, também. E não se encontrava ninguém que dançava o que dançávamos. Mas encontrávamos os dançarinos de funk no fim daquela geração. E dançarinos de break não se encontrava nenhum. Éramos os destaques nas festas, porque íamos

com roupa diferente, girávamos de costas, pulávamos de cabeça e tal. Agora assim tudo muito fragmentado. Do jeito que aprendeu e aprendeu. Aos poucos começamos a procurar lá mesmo em Camaragibe algumas pessoas que estivessem a fim de participar do projeto da gente. Então mais ou menos em 1983 a gente agregou mais um componente ao grupo, que foi o Marcos. A gente viu o talento que ele tinha para algumas coisas. E virou um quarteto.

Conseguimos o nosso primeiro trabalho como dançarinos de rua dançando break, que aconteceu na época em que eu participava como componente de uma banda num colégio em Boa Viagem. Quase todo final de semana tinha umas festinhas que o pessoal abastado financeiramente fazia. E convidava os pobretões para ir e que não eram de Boa Viagem, mas de uma outra cidade, mas que tocava na banda de um colégio de outra.

Numa dessas festas eu perguntei se podia trazer os meus amigos para dançar. O resultado foi uma festa na casa de um brother chamado Márcio.

E quando chegamos e fizemos a apresentação a galera "pirou". Primeiro porque a maioria deles viajava e passava as férias nos Estados Unidos e viram de repente a gente dançando o que eles estavam cansados de ver nos Estados Unidos no início dos anos 1980, que eram os caras dançando nas ruas. E as pessoas dali nos perguntavam: "Vocês dançam isso? Semana retrasada eu estava de férias em Orlando e vi os caras dançando".

E numa dessas festas nós conhecemos um grupo

de dançarinos profissionais de dança contemporânea de jazz e ballet. Esse pessoal nos convidou para fazer parte de um trabalho que eles estavam montando na época. Isso foi de 1982 para 1983. Então conhecemos o pessoal que fazia parte de uma companhia chamada "Arte em Movimento". Na verdade estávamos conhecendo a nata da dança contemporânea de Pernambuco, com os melhores dançarinos de Pernambuco e de uma forma renomados no Brasil, que faziam parte dessa companhia.

Nós completamente alienados, porque achávamos que a nossa dança era algo diferente e que chamava muita atenção. Topamos o convite. E a The Brother of the Breaker foi a primeira trupe do Brasil a participar de um espetáculo de dança num teatro. Nós participamos desse espetáculo chamado "Terra Nua Ser Mutante", que ficou durante quinze dias numa temporada no Teatro do Parque. Quem encabeçava o projeto desse espetáculo era a Suieny, uma das melhores dançarinas da época em Pernambuco. Ela era dona da academia chamada Arte em Movimento, que organizou esse espetáculo. E eu, o Nelson, o Onê e o Márcio estávamos participando daquele espetáculo.

É bom salientar que eu não falo isso para mostrar poder, mas é a realidade, pois foi através desse grupo de dança que conseguimos o primeiro contrato para dançar em uma loja no Shopping Center Recife, sendo o primeiro grupo de Pernambuco a dançar lá no Shopping, que na época era extremamente elitizado.

Outras pessoas não podiam, porque tudo que

queria fazer no Shopping era monitorado, precisava ter licença. Então dançamos para uma loja chamada Drops, que trabalhava com material para skate, surf e aquela coisa toda. Dançamos com uma camisa que tinha um símbolo colorido que no meio tinha o nome "Drops". Resultado: aquelas apresentações que fazíamos aos sábados era uma vitrine e não sabíamos. Muitos garotos da idade da gente que nos via dançar ali começaram a dançar também e a montar suas trues.

Nós que até então éramos conhecidos como The Brother of the Breaker, passamos a partir daquele momento a ser conhecido como a "equipe do Drops". Todo mundo queria dançar igual a gente. As primeiras apresentações foi tipo um susto para o pessoal do Shopping. Já tinha público antes de chegarmos.

Tudo isso nos fazia crescer como jovens e adolescentes, porque tentávamos galgar dentro da cultura hip-hop as nossas características, o nosso caráter, porque ninguém de nós saiu para coisas ruins.

Foi uma fase maravilhosa, de aprendizado, de sofrimento, porque ser jovem também é sofrer, é aprender sofrendo, sempre batendo e voltando para aprender novamente com aquela falta de medo de arriscar as coisas, que é uma característica de todo jovem.

Essa fase foi interessante porque já existia um movimento na época, já existia uma catalização em torno da dança de rua. Insisto em dizer que a cultura hip-hop era isso na época, porque todos tínhamos conhecimento da cultura de uma forma muito

fragmentada. Para a gente o ponto de início foi a dança. Os outros elementos vieram em seguida, mas tudo relativo à cultura hip-hop se baseou inicialmente através da dança. Aos poucos foram aparecendo as primeiras trues, os primeiros eventos, os primeiros campeonatos e a coisa começou a crescer.

Até que mais ou menos no final de 1982 e 1983 exatamente no Shopping a gente se deparou com uma primeira vez com uma outra equipe de dança. Na época a gente já dançava um bocado, porque tiradas as devidas proporções, éramos a referência. Então num sábado depois que nós fizemos uma apresentação e nos despedimos do pessoal depois que pagaram nosso cachê - que a gente torrava tudo com as mais diversas besteiras que se possa imaginar - e já íamos embora, quando descíamos o primeiro lance de escada - tinha um lance de escada que tinha uma espécie de mezanino que depois descia novamente - apareceu uma pessoa com um topetão e um bigodinho claro dizendo assim: "Eu quero vocês". E nós: "O que, rapaz?". "Eu quero vocês". E o Onéssimo que era meio invocado disse: "O que esse cara quer? Ele está doido. Disse que quer a gente".

De repente aparecem outros caras e até então não entendíamos. Aquele cara era um hondurenho que estudava Educação Física na UFPE, na época fazendo um intercâmbio do curso. Lá no país dele conseguiu um intercâmbio para vir para o Brasil e veio para o melhor curso de Educação Física, que era o da UFPE. Chegando aqui ele dançava break, porque morou nos Estados

Unidos. Aqui foi morar numa das cidades que faz parte da região metropolitana de Recife, que se chama Jaboatão Guararapes. Lá ele começou a ensinar outros caras que já dançavam funk, mas aí começou a dançar break. Ele tinha assistido uma de nossas apresentações na Drops. Resultado: ele se preparou e veio para batalhar conosco. A batalha foi no Shopping mesmo. Imagina a loucura que foi termos de repente nós de um lado e a equipe dele do outro tendo ao redor muita gente, inclusive no lance de escada e no lugar que era tipo um mezanino. O pessoal da segurança do shopping ficou em polvoroso e só se comunicando um com o outro falando "tumulto aqui na escadaria...". Foi uma loucura total no Shopping. Foi a primeira batalha de b-boys do Shopping Center Recife. Foi simplesmente a maior loucura. De repente o pessoal da segurança começou a evacuar todo mundo e foram para cima da gente.

Quando chegaram e viram que estávamos com a camisa da Drops disseram assim: "Vocês são lá daquela loja? Mas quem é essa galera?". Eu sei que pegaram os caras pelo braço e os colocaram pra fora. Eu disse: "Vamos atrás dos caras porque nós precisamos conhecê-los". Fomos atrás.

Lá fora começamos a trocar umas idéias e descobrimos que o hondurenho na verdade se chamava Erico K. (não sei se era o nome original ou artístico). Aquela era a true dele que se chamava "The Dragons". Eram caras de outra cidade, mas esse foi um momento muito importante, porque foi a primeira vez que nos

deparamos com alguém que fazia o que fazíamos. Assim foi o primeiro veron. Foi interessante porque não nos tínhamos deparado com outras trues. Disse assim para a galera: "Vamos treinar porque a gente tem um concorrente". Não sabíamos se íamos encontrá-los novamente, mas tínhamos que estar preparados. Mas eis que recebemos um convite para dançar numa boate em Boa Viagem chamada "O Barril". Essa boate ficava na beira-mar de Boa Viagem. Na época era considerada ponto de encontro do pessoal que gostava de música eletrônica, dos punks. E qual não foi a nossa surpresa que quando chegamos lá para se apresentar quem era exatamente que estavam saindo? Os The Dragons. Eles estavam dançando lá, mas não sei se a convite ou deliberadamente, mas o fato é que eles tinham dançado antes da gente. Quando anunciaram o nosso nome "The Brother of the Breackers" veio uma pessoa e disse: "Teve uma galera que dançou aqui". Fizemos nossa apresentação e nunca mais topamos com aquela galera dos "The Dragons".

Eu só vim a me encontrar novamente com o hondurenho na UFPE, porque eu prestei vestibular para Educação Física no início dos anos 1980. No dia da prova que fui fazer na saída do prédio eu ouvi um som de música eletrônica numa sala de treinamento de artes marciais e tinha um cara dançando. Abri a porta e vi o hondurenho treinando sozinho. Ele estava treinando wilk-miu, que é um movimento conhecido como "moinho de vento" do hip-hop. Eu disse a ele "e aí, rapaz?" e trocamos umas idéias. Eu perguntei da true e

ele disse: "acabou, os caras só queriam sugar". Suponho que, como ele tinha dinheiro para bancar os outros do grupo, mas eles não queriam nada, então resolveu parar com aquilo. Não nos encontramos mais. Foi a última vez que eu vi esse hondurenho.

Depois começou a ter os campeonatos de breakers na época. Primeiro teve o campeonato de rua da Rádio Cidade. Depois teve o da Rádio Manchete. Eu me inscrevi nos dois. No da Rádio Manchete eu me inscrevi com o nome que eu fiquei conhecido durante toda a década de 1980: "spider crease" (aranha louca). No da Rádio Cidade eu me inscrevi com um brother lá meio desengoçado, que inclusive tive a oportunidade de encontrá-lo em São Paulo anos depois.

O primeiro campeonato a começar oficialmente foi o da Rádio Manchete. Ele teve eliminatórias em vários lugares. Uma eliminatória no Shopping, uma no bairro do Derby e a final foi em Boa Viagem. Eu participei da eliminatória do Derby e fui para a final. Na época eu fiquei conhecido como "Aranha". Eu já era conhecido com esse nome na banda marcial, porque quando eu comecei a dançar break a turma via eu fazer aqueles movimentos e diziam: "parece uma aranha". E fui dessa true que eu me afastei. Quem estava no final do campeonato? A minha antiga true com um outro nome. Tinham mudado para "Rocker Master Grill". Por qual motivo eles mudaram o nome? Desde que a gente começou a comprar as revistas alemães e aquela coisa toda nós ficamos fãs de uma equipe americana chamada Rockers Start Grew. Ficamos fãs desses caras. E os

meninos adotaram o nome de "Rocker Master Grew", que era diferente do outro mas ficamos com o nome de "Rocker Start Grew". Nós fomos a primeira grew de Pernambuco - não sei se do Brasil - a adotar o nome "Grew". Ou seja: Rockr Master Grew". Até então ninguém tinha esse nome. Então fomos o primeiro grupo como se chamava em inglês: grew. De repente estava frente a frente com os caras que eu gostava e que praticamente eram meus irmãos. Eu me dava muito bem com eles e até mais com o meu próprio irmão. Fui dançar contra eles nesse momento. É bom salientar que eu era o campeão individual do campeonato. Só que no final os caras queriam um confronto. Então fiz um convite a uns caras que conheci na época - uma outra true - que também era um trio chamado "Radio Bracker Cia".

Essa true veio depois a se tornar a "Recife City Bracker", que era formada por três pessoas e todo o projeto sempre foi tocado por um cara chamado Espíndola. É um cara que vibrava muito e fiquei bastante amigo dele na época. Ele até achava que eu não era pernambucano, por conta do meu jeito de falar e me expressar. Mas como na época eu dançava bastante, então ele tinha que achar que eu era do Sul.

No campeonato da Rádio Manchete em frente a frente com a minha antiga true foi uma batalha que entrou para a história. Foi a primeira batalha realmente com o nível elevado (o público básico lá de baixo era de pessoas que queriam aprender a dançar). Isso aí foi ao mesmo tempo triste e muito legal, porque apesar da

gente estar frente a frente, na verdade estávamos muito afastados.

O legal, porque foi um momento de encontro, embora depois a gente nem se falasse, então foi cada um para o seu lado e cada um ganhou o seu prêmio. E eles ficaram chateados, porque me juntei a outras pessoas. Mas eles queriam que eu os enfrentasse sozinho? Não tinha condição. Eu sou o "aranha" mas não tem como enfrentar quatro caras, não. Passou um tempo aí veio o campeonato da Rádio Cidade. Eu participei de tudo lá e os campeões foram basicamente o pessoal da Radio Bracker Cia. O prêmio foi um microsystem da Gradiente, que era um rádio. Os caras ficaram felizes e foi justamente nesse campeonato que os caras resolveram realizar e organizar junto comigo a primeira roda de break do Recife. Ela aconteceu no centro da cidade, ali na Rua Sete de Setembro na frente de uma lanchonete lá chamada Hamburgão. Era um ponto de encontro da galera das escolas e dos colégios.. Até porque do lado dela tinha um fliperama. Então lanchonete e fliperama era um ponto de encontro geral. Então os caras levaram um encerado - que era o piso e o gravadorzão deles. Foi o primeiro encontro de dança de rua.

Até então nós não tínhamos a maior noção da quantidade de pessoas que gostavam ou estavam envolvidas naquilo. Quando deu duas horas da tarde começou a chegar gente, que não parava de chegar. Na hora que a roda começou tinha umas trezentas pessoas, a maioria com roupa colorida, luva e tudo. Havia sido

instituído a república da dança de rua naquele momento.

Até então já se tinha sido lançado o filme *Break Dance*, que mostrava a dança de rua e a cultura hip-hop mais latinas do lado de Los Angeles e Nova York. Era a cara da cultura hip-hop mais latina. O que veio a abrir a nossa cabeça para a gente entender o que era o universo sério da cultura hip-hop chama-se *Bright Street*. Ele fez a cabeça da gente e fez abri-la de uma forma que tudo começou a mudar a partir dali, tudo mudou e nada mais era igual. A dança não era igual, o entendimento da cultura e dança de rua não era mais igual, as amizades mudaram, a forma de se tratar mudou, a forma de se vestir, também mudou. Ninguém mais era inocente. Nós nos tornamos malucos pela dança de rua. E malucos a ponto de treinar de uma forma profissional e tão técnica que aí realmente as primeiras crews de batalha.

Depois de uma série de conversas eu voltei para a *Rocker Master Grew*, meu antigo grupo. O pessoal dizia: "Volta aí e vamos treinar e qualquer coisa é a mesma coisa e estamos juntos de novo, é a amizade". E apareceram nesse período a *Banana Breacker*, que já era uma true antiga, que tinha uns b-boys bons do Recife. Tínhamos a *Recife City Breacker* e mais um bocado de b-boys que se juntavam para dançar. Depois disso todo mundo queria batalhar e não mais dançar por dançar. Cada um que chegava fazendo coisa nova era querendo dançar na batida. A dança b-boy - que ninguém usava esse nome, mas o de rock dinâmico - cresceu de uma

forma absurda; começaram a aparecer caras que dançavam muito e com pouquíssimos erros. Eu fazia parte disso e me destaquei. Cheguei a ser o melhor. Cada b-boy teve o seu momento.

Nessa época de Big Street quando estava aquela efervescência nós tínhamos além do meu grupo, tinha também o Veríssimo, que era um bom dançarino e que era de uma outra true chamada Banana Breacker. Também tinha o Fortunato, Taubaté. Tínhamos na época a Legião Hip-Hop, que era de Olinda e era capitaneada simplesmente por Chico, que depois veio a ser Chico Science. Ele montou a true dele lá em Olinda que era a legião Hip-Hop, que na verdade era um monte de caras que faziam um movimento só. Quando se ia batalhar com eles vinha uns vinte, mas uns cinco fazia o que um só fazia.

Como eu não estava morando mais em Camaragibe, mas em Paulista, era mais próxima de Olinda e do grupo do Legião Hip-Hop de Chico e Jorge Du Peixe, que na época era só conhecido por Jorge. Eles moravam em Rio Doce e descobriram que eu morava em Maranguape, lá em Paulista. Eles foram parar na minha casa simplesmente com um convite "vem dançar com a gente, cara. vem fazer parte da nossa equipe". E eu: "Eu não posso. Eu sou da Rocker Master Grew". E eles: "Mas você pode dançar com a gente. vamos juntar todo mundo". E eu: "não sei, os meninos moram em Camaragibe".

Pelo Nelson até que rolaria essa junção, porque depois o Chico viu a gente dançando e percebeu que

estávamos num nível muito alto. Era juntar com o talento deles. Ele era talentoso, mas era mais um manager que queria dançar e promover os eventos e juntar a galera com o Jorge, que era um exímio desenhista lá na época, inclusive já grafitava. E como nós três do grupo éramos os b-boys, os caras que dançavam muito. Era a concepção de uma grew, que tinha os dançarinos, os poppers, o dj, o grafitador e o Mc. Toda grande grew tem essa formação. ela tem os elementos que os caras que dançam, que são os mesmos que grafitam, que discotecam e são os mesmos MCs que fazem as letras das músicas. Essa é a concepção de grew, que é uma junção de talentos em prol de um grupo ou de uma vida. A idéia dele era essa. Só que por intransigência ou porque não tinha muito atrativo ou o magnetismo não rolou. Mas eu fui o que se aproximou mais deles. Os meninos não quiseram e ficou naquilo mesmo. O Rocker Master Grew e a Legião Hip-Hop.

Já em 1984 começaram as primeiras batalhas de rua com datas e horários marcados. A cidade pegava fogo. As primeiras batalhas aconteceram na Rua do Hospício, na frente da antiga Escola de Engenharia de Pernambuco. E não tinha mais roda inocente e tudo era batalha. As pessoas se encontravam para batalhar. As primeiras entre a Recife City Breacker e a Rock Master Grill. Nós vínhamos de Camaragibe para Recife batalhar. O bicho pegava na época, porque o Recife City Breacker catalizava os melhores dançarinos da região dos bairros de Recife. A Rock Master Grew era toda formada por pessoas de Camaragibe. Era praticamente

uma cidade contra a outra, cujas batalhas aconteciam nas tardes de domingo.

Era o povo que dizia quem ganhava. E ainda bem que a Rocker Master Grill ganhou a maioria das vezes. Quando perdemos reconhecemos que perdemos realmente.

Por fim, a herança que posso deixar aos jovens é o que estou fazendo hoje pelos b-boys e pela cultura hip-hop e que não tive a oportunidade de ter na época que iniciei, que é o de organizar eventos, é unir as pessoas e formá-las. Esse é o legado que posso deixar. Como não sou o dono da verdade e tenho muito o que aprender ainda - e a cultura hip-hop foi um universo em que tive de descobrir muitas coisas -, então cada dia converso com as pessoas e descubro algo ou entro na internet e encontro outras coisas. Ninguém sabe tudo. Então o maior legado que eu posso deixar para pessoas é essa idéia de que eu não sei tudo, que estou aprendendo e buscando repassar o que aprendo favorecendo e abrindo espaços, o que foi algo que não tivemos quando começamos.

Para os jovens deixo a mensagem que pesquisem e procurem saber quem foram os fundadores e como eles tiveram tantas dificuldades para que hoje muitos pudessem estar dançando. Não façam as coisas só, mas conheçam o que vocês fazem.

José Edson da Silva (Zé Brown)

Eu via muita coisa na infância aqui no Alto José do Pinho como em Nazaré da Mata. Lá em Nazaré tinha a questão do maracatu rural, dos caboclos, do carnaval e muitas outras coisas. Aqui no Alto José do Pinho também vi o ensaio do caboclinho, Maracatu e muita coisa de escola de samba. Isso foi em toda a minha infância e adolescência.

Aos quatorze anos de idade comecei a jogar e a treinar capoeira no Morro da Conceição com o grande mestre Tocando Fogo. E através da capoeira – quando ia participar das rodas – via outras coisas também que me chamavam a atenção.

Em 1987 e 1988 eu comecei a ouvir a embolada, que é uma coisa de Caju e Castanha, Oliveira e Beija Flor, Pinto e Roxinol. Gostava daquela coisa meio ligeira e tal. Eu começava a ouvir embolada no programa do Geraldo Freire, tanto com os repentistas de embolada, quanto com os repentistas. Ouvia também muita coisa de brega, como Evaldo Braga, Reginaldo Rossi, Alípio Martins, Carlos Santos. E gostava do ritmo.

Em 1990 eu comecei a conhecer o *rap* e a ouvir Pepeu, o Ataíde Dj1, que é uma coletânea de São Paulo chamada Cultura de Rua. Então eu gostava de ouvir aquela coisa do rap, também. Como ouvia muito embolada e rap e eles falavam de uma realidade que era semelhante a minha e do meu cotidiano, então aquela linguagem dos caras, as gírias e as roupas me fascinou. Aí comecei a compor, também.

Eu não tinha a base que eles tinham para fazer o rap. Eu fiz um pandeiro de lata de doce. Começava a cantar um rap em cima da batida da embolada. Ali estava começando o

meu estilo e eu não sabia. Essa coisa de mistura da embolada com o *rap*.

Quando comecei a perceber realmente o que era a rima, que eu já tinha em casa nas estantes e no meu cotidiano – por isso a minha levada para cantar um rap em cima das modalidades dos repentistas e dos emboladores – comecei a me inserir nesse universo.

Teve outro ritmo que também não me passou despercebido na minha formação musical, pois quando comecei a me aprofundar no assunto do Hip-Hop, no seu fundamento e de onde ele surgiu, então senti que era uma coisa promissora. Eles mostraram através dessa cultura que a juventude é a base de uma educação que pode ser estabelecida na rua.

Na época eu conversava com Chico Science. Ele já dançava break muito antes do que eu ele. Já era b-boy muito antes. Falava de Toninho que era mais antes do que ele. Do Toninho que fala de Abexim que veio antes dele. Depois de Chico vem Spider, Fortunato e depois vem a gente. E os meus alunos que já estão deixando outros. Chico é dos anos 80 do *break*. Nos anos 90 é que começou a divulgar a influência dele com Maracatu, do *rap*, do rock.

O primeiro encontro com o Chico Science foi num show no Circo Maluco Beleza. Eu já ouvia falar do Chico do Break, dele e do Jorge du Peixe. Mas tinha os meninos da Imbiribeira, o Guiguinho, Dido ai vem os meninos do Beberibe, Abixim. Do Morro da Conceição vem o Paulo Branco. Então eram os caras que iam às feiras típicas da época e tinha uma equipe de som que levava o nome de geração 80. Eles faziam isso em feiras típicas que tinham em comunidades, tipo a Praça do Trabalho, em Prazeres, tinha

também. Eles dançavam e faziam uma roda, um círculo ao som de James Brown, que era o *Black*.

Aqui se intitulou *break*, que Nelson Triunfo fazia em São Paulo. Ele é o precursor do Hip Hop. Antes do *Break* tinha o *Black*, o *Soul*. O *Black* já é aqui em 1983, 1984. Começava o *Break* com a performance robótica. Não eram as quebradas, ainda. Aí foi evoluindo.

Aí veio o estouro do and end Mcy, que fazia um break bit, mais música, que foi quando começou a coisa do estilo mesmo, os óculos grandes com a armação branca com as lentes pretas. Mesmo com o clima tropical desses os caras usavam uns casacos Adidas. Aí vieram as performances de chão, de solo, de sapateado e toda essa movimentação que aconteceu nos guetos de Nova York e veio pra cá no início dos anos 80.

Quando veio surgir a coisa do *rap*, da música falada, já são nos anos 90. Eu passei por essa fase no final dos anos 1980, com essa coisa de casaco, de colar espelho nos casacos, que num baile, quando a luz batia, ficava muito brilhoso. Lá em São Paulo já tinha registro de música e vinil muito antes que aqui.

Eu considero todas as manifestações culturais dos anos 80 como parte de um movimento, porque tudo o que se movimenta está sempre presente e influencia outras pessoas. E assim sucessivamente vai crescendo. Em 1995 eu criei um projeto chamado “Zé Brown apresenta talentos” aqui no Alto José do Pinho. Eu via a ociosidade e fiz parte dessa criação daqui da comunidade.

Mauro César de Lima¹⁰

Eu vim de Águas Belas para estudar Letras na UFPE em 1989, que foi um período muito forte do ponto de vista das reivindicações estudantis e da luta política contra a reitoria da universidade.

No período de minha entrada na UFPE eu trabalhava na Secretaria da Fazenda e tinha um diretor que me ajudava muito, porque só trabalhava meio expediente. Mas quando passei no vestibular entrou outro diretor e eu tive que trabalhar o período integral. Ele chegou para mim e disse: “Ou você trabalha ou você segue a universidade”. Eu optei pela universidade, mas tinha a idéia de que ia entrar na Casa do Estudante da UFPE e ter as minhas refeições garantidas. Mas foi tudo muito errado, porque não recebi alimentação e passei vários períodos para poder realmente entrar na Casa.

Antes disso, também passei um período na Casa do Estudante de Pernambuco no Derby e depois morei lá na Casa do Estudante da UFRPE como “penetra”, porque não tinha onde morar e lá tinha primos e amigos.

Quando morava na Casa do Estudante da UFRPE vinha a pé para a UFPE, cuja Casa do Estudante eclodia uma “revolução”, e fomos barrados logo no início. Os candidatos a morador da Casa simplesmente eram barrados, porque o reitor à época, o Edinaldo Bastos, tentou um sistema de bolsas e queria acabar com o R.U., exigindo que todos assinássemos a bolsa e assim ter condições de fechar o restaurante de vez.

Isso foi terrível, porque ficamos entre a cruz e a espada. Optei por assinar a bolsa não de coração – porque estava de alguma forma traindo o movimento estudantil da

¹⁰ É Professor do município do Cabo de Santo Agostinho e do Estado de Pernambuco.

Casa –, mas como o movimento estudantil da Casa também não dava muita esperança para a gente e ficávamos por muito tempo sem poder usar o R.U. e não tínhamos nenhuma ajuda financeira ou mesada, o que nos restava apenar era assinar e aceitar a bolsa.

Nesse período eclodiram os movimentos “fora Edinaldo Bastos” e “Volta ao R.U.” A luta foi se estendendo e a barriga pesava, porque num ano trabalhava seis meses e cursava seis meses, o que atrasou em muito a minha formação de Professor.

Uma das questões de luta da Casa do Estudante da UFPE era o restaurante universitário. Não só para o conjunto dos estudantes da UFPE, mas principalmente para quem morava na Casa do Estudante, porque o R.U. era crucial já que oferecia café da manhã, almoço e jantar.

Mas alguns reitores das universidades do Nordeste queriam acabar com o R.U. Acredito porque aglomerava muitos estudantes e ali surgiam líderes, o que deixavam os reitores temerosos a esses novos líderes e a essa grande massa de estudantes.

Era interessante que quando nos levantávamos para protestar contra alguma coisa dentro do R.U. os estudantes batiam com os seus talheres nas bandejas gerando aquela algazarra. Isso contribuía com aqueles movimentos.

Acontece que, com o sistema de bolsas que a universidade implantou, o R.U. acabou. A Reitoria não queria a abertura do R.U. Mas a forte pressão dos estudantes era tamanha que o DCE se propôs a administrar o espaço do R.U.

O interessante é que a comida era barata, o que na época correspondia a uns cinquenta centavos. Como estudante ficávamos com um pé a trás, porque como esse valor era

quase nada, então qual o lucro que o DCE teria com o R.U. após pagar o pessoal e distribuidores?

A péssima administração do DCE de 1992 a 1995 culminou com o seu fechamento. Não tinha mais como levantar recursos para o restaurante. A reitoria disse: “Olha aí o que falei. Foi só prejuízo!” Foi na época do Reitor Efreim Maranhão, ainda, mas o Reitor Mozart que veio depois dele também não teve nenhum interesse em reabrir o R.U.

Essa luta na Casa era constante, porque alguns DCEs e D.A.s das universidades daqui lutavam pela Casa do Estudante e pelo não fechamento dos R.U.s

Foi um período que um estudante colombiano chamado Afonso se suicidou lá na Casa do Estudante. Fez uma greve de fome e chegou a óbito. Isso foi logo no início da minha entrada na UFPE. Também depois o estudante Claudionor numa dessas constantes brigas com a Reitoria teve uma convulsão e morreu com AVC. Isso foi terrível para todos nós.

Em 1994, com o R.U. semi-aberto – porque funcionava praticamente só para a Casa do Estudante – culminou com novos movimentos na casa. Nesse período, teve mais um suicídio, sendo dessa vez do estudante Samuel, que inclusive alguns setores da imprensa insinuavam que isso não era suicídio e sim homicídio.

Então nós estudantes, além da dor pela perda de um companheiro, também éramos praticamente considerados assassinos. Uma semana depois um outro suicídio, que tirou a vida de Gilvan, que foi mais terrível ainda, porque ele amarrou um lençol em volta do pescoço e amarrou de uma bancada a outra e pulou.

Nesse dia tentamos manter todo mundo na Casa visando mobilizar os estudantes, mas esse novo episódio

gerou um tumulto e foi difícil fazer todos ficarem por ali, porque no desespero muitos pularam das janelas e foram embora correndo. Eles não agüentaram a pressão e foram para as casas de suas famílias no interior. Quem não tinha casa no interior e estava jogado por aí se afastou de algum jeito para outro lugar.

Com isso todos achávamos que teria mais suicídios e restava adivinhar quem seria o próximo. Olhávamos para a cara de um como se fosse a última vez que iríamos ver tamanha era a pressão que sentíamos.

Como esse movimento dos residentes foi grande e taxativo, então a sociedade realmente olhou para nós e veio a imprensa se sensibilizar com a nossa história, o que culminou na reforma das casas eliminando-se as ferrugens, os cupins, as baratas e o lixo acumulado, a casa passando então por uma fase bem legal.

Se hoje houve alguma melhoria nas casas, isso se deve aos quatro estudantes que de fato morreram por uma causa, que era manter a Casa do Estudante para aqueles que viessem do interior e pudessem se alojar e concluir seus estudos.

Sobre a época terrível da Casa do Estudante da UFPE eu escrevi um livro chamado **“Vaga Mundo Imundo Mundo: a Saga de um Estudante”**. A história do Vaga Mundo é a história de um menino que sai do interior com o sonho de chegar a uma universidade, se formar e dar um destino melhor aos seus filhos e aos seus pais. Esse livro resgata a história não só da universidade, mas dos movimentos estudantis históricos. Cabe a cada um aluno da universidade conhecer essa história, porque agora pode se dizer que está uma maravilha se comparada com a nossa época. Para que isso acontecesse foi preciso que muita gente lutasse e quatro guerreiros falecessem.

A cobrança do pessoal em relação a minha parte nessa história foi na escrita de um livro. Eu cai na graça de dizer que tinha um livro sobre a casa de estudante e o movimento estudantil, falei isso para alguém que foi repassando de boca em boca na Casa do Estudante. Como a galera já me cobrava, tive que fazer um livro, que foi feito devagarinho para contar a história de um estudante “fictício” chamado Daniel que sai do interior vindo de uma escola pública e chega a estudar numa universidade federal, que só isso já é um fato heróico e histórico.

Um reitor da UFPE me convidou a publicar o livro pela editora da universidade. Ele até disse que um estudante de graduação com um livro desses poderia divulgar em todo o Brasil. Como a minha intenção era divulgar o trabalho para que servisse de lição para os mais novos, quando percebi que a intenção do reitor era ter acesso ao conteúdo do livro e cortar partes da publicação para que o livro fosse da reitoria e não meu, isso gerou um conflito e tive que ir por outros caminhos para publicá-lo, o que veio a acontecer em 2000 com a ajuda de outras universidades e entidades, embora em Pernambuco sua divulgação foi comprometida pelas circunstâncias já mencionadas.

Daniel Coelho¹¹

Eu me criei na nossa região metropolitana do Recife. Morei inicialmente na cidade de Olinda. Depois no bairro de Piedade em Jaboatão dos Guararapes onde passei o primeiro

¹¹ É Deputado Estadual pelo PSDB em Pernambuco.

momento da infância. Essa região está muito diferente da Piedade que eu vivi, que naquela época estava praticamente numa área rural onde os jovens eram criados na rua e tinha muito daquela infância da brincadeira da bola de gude, do pião, da pipa.

Foi uma infância muito saudável e que me deu oportunidade de interagir com um ambiente de outros jovens que vinham de diferentes níveis sociais, cujos pais trabalhavam em situações diversas. Isso foi muito importante para a minha formação política, porque se enquanto vivemos hoje numa sociedade muito mais dividida pelas classes sociais, naquele ambiente da minha formação isso não acontecia, não existia. Tinha as crianças que vinham das comunidades carentes convivendo com as que moravam nas casas melhores, mas não era por isso que todos deixávamos de conviver em conjunto.

Depois freqüentei escolas no bairro de Boa Viagem e dediquei minha adolescência não apenas aos estudos, mas também aos esportes. Era um atleta de basquete, que mesmo sendo alvirrubro jogava no Sport. Esse ambiente esportivo é muito sadio porque nos ensina a competir de forma saudável e em equipe. Isso é o que marca o período inicial de minha adolescência até o ingresso na universidade.

Desde o primeiro ano de universidade eu estudava e trabalhava ao mesmo tempo. Isso foi entre os dezesseis e dezessete anos quando ingressei no curso de administração da UPE.

Depois fui para a Inglaterra fazer o mestrado na área de administração. Quando voltei eu me dediquei 100% ao mundo profissional. Foi quando tive a preocupação com a política e a vontade de participar de uma forma mais direta. Como estava recente a minha volta da Europa, então sentia a

diferença de lá com o Brasil nas questões ambientais. Lá era muito avançada a preservação de áreas comuns como praias e parques pelo poder público e pela própria população.

Isso me deu vontade de militar na área ambiental. Na época me filiei ao Partido Verde com essa militância. Senti uma dificuldade muito grande em dialogar com os meus colegas de geração no que se refere à política, porque ainda vivemos um momento em que as pessoas estão cada vez mais cuidando só da sua vida e do seu sustento olhando para o seu umbigo. Poucas pessoas estão olhando de forma ampla para a sociedade e os interesses comuns.

Aí foi o grande desafio nosso, porque em 2004 resolvi me candidatar a vereador na cidade do Recife com a idéia de resgatar a nossa geração e os nossos amigos para a participação do debate político. Nossa campanha foi praticamente feita por jovens.

Hoje vivemos um momento diferente porque o processo político está ligado diretamente a formas de interação com a sociedade diferente do que tínhamos dez anos atrás. Temos essas redes sociais através da internet que nos permitem estar dialogando com as pessoas em tempo real e com muito mais gente do que tínhamos em 2004 quando começamos.

A juventude participa atualmente de uma forma mais direta dos mandatos legislativos, pois diariamente estamos recebendo sugestões ou uma crítica pela *twitter* ou *facebook* para o que devemos trabalhar dentro do nosso mandato.

Essa forma participativa que temos hoje através da internet de interagir com a sociedade trouxe muitos ganhos não só para a gente que faz política, mas para a juventude de uma forma geral que pode participar de um modo direto do processo político.

Considerações Finais

O nosso PROJUPE mais uma vez contribuiu com a memória das juventudes pernambucanas e saiu na frente na difusão de registros importantes sobre as histórias que infelizmente ainda são repassadas de geração para geração pela oralidade.

Os nossos mais sinceros agradecimentos aos depoentes dessa coletânea, pois sem a sua presença e participação isso tudo não seria possível. Meu respeito e consideração a cada depoente, pois a construção dessa história é coletiva e o resultado final é de interesse público.

DOCUMENTO

Manifestos}¹²**Caranguejos Com Cérebro (manifesto)**

Fred Zero Quatro

O primeiro manifesto do Mangue, na íntegra e em sua versão original de 1992.

Mangue, o conceito.

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

¹² Fonte http://memorialchicoscience.com/?page_id=16

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown, a cidade

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade *maurícia* passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais. Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de *progresso*, que elevou a cidade ao posto de *metrópole* do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da *metrópole* só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

Mangue, a cena

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um

sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo era engendrar um *circuito energético*, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Hoje, Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de

rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.

QUANTO VALE UMA VIDA (manifesto)

Fred Zero Quatro

I - LONGA VIDA AO GROOVE!

Os alquimistas estão chorando. A indignação ruidosa de Lúcio Maia com a ferocidade carniceira da imprensa nos faz lembrar que nem tudo tem que ser movido a cinismo e oportunismo no - cada vez mais - cínico e vulgar circuito pop.

Antes de mais nada, salve Lúcio, Jorge, Dengue, Gilmar, Toca, Gira e Pupilo. Salve Paulo André e longa vida ao Nação Zumbi, com seu groove imbatível, mix epidêmico e urgente de química e magia que cedo ou tarde vai varrer o mundo! A primeira vez que vimos Chico juntando a Loustal com o Lamento Negro (o embrião do que seria a Nação Zumbi, ainda no início de 91), comentamos arrepiados, eu e Renato L.: "não importa que estejamos no fim do mundo e sem dinheiro no bolso; não tem errada, não há nada no mundo que possa deter esse som!" Na nossa ficha, constava a produção de vários programas de Rock na cidade, onde nos esforçávamos para mostrar sons novos e interessantes de todos os cantos do mundo. E não havia

dúvida de que naquele momento estávamos diante de algo absurdamente novo e irresistível. Começamos imediatamente a viajar num conceito capaz de colocar o Recife no mapa. É claro que houve momentos nos últimos anos em que chegamos a pensar que talvez tivéssemos ajudado a criar uma espécie de monstro incontrolável. Mas hoje sabemos que agimos bem, não poderíamos agir de outro modo.

- E agora, manguemoys?

Chico era referência e inspiração para muita gente, talvez para toda uma geração de recifenses. E a perda para a Nação Zumbi é irreparável em termos de carisma, energia vocal, gestual, etc. Ninguém questiona isso. Mas o que muita gente esquece é que a fórmula criada por Chico tinha uma base muito sólida em termos de cozinha, acompanhamento, groove. A maioria das pessoas desconhece alguns fatos. Quando eu conheci Francisco França, ele era o lado mais extrovertido da mais nova dupla do barulho da cidade. Chico e Jorge eram inseparáveis como unha e carne, egressos da "Legião Hip Hop", que reunia no final dos anos 80, alguns dos melhores dançarinos e djs que o Recife já conheceu (alguém aí já viu Jorge Du Peixe dançando "street"? A galera que hoje em dia ensina funk nas academias de dança não daria nem pro caldo...).

Jorge sempre foi um pouco mais tímido, mas não menos engraçado, e os dois se completavam em termos de gosto, idéias, visão e criatividade. Chico sempre teve mais iniciativa e era, como todos sabemos, um letrista formidável. Mas alguém aí se lembra quem é o autor da

letra do clássico "Maracatu de Tiro Certeiro"? Isso mesmo, Jorge Du Peixe...

Quanto a Lúcio Maia, qualquer um que acompanhe a Guitar Player, sabe que é cada vez maior o número de pessoas que o consideram um dos mais talentosos e ecléticos guitarristas brasileiros, uma verdadeira revelação dos últimos tempos. Dengue, então, é aquele baixista contido, discreto, mas super-eficiente. Desde os tempos do Loustal, ele sempre conseguiu encaixar a levada perfeita para o estilo fragmentado dos versos de Chico. E quanto aos tambores e à bateria, nem é preciso comentar. Não se via, no rock and roll, uma engrenagem tão potente e envenenada desde a morte de John Bonham.

Quando toda a crítica brasileira caiu de quatro sob o impacto avassalador do "Da Lama ao Caos", houve no Recife quem apostasse que Chico despontaria em carreira solo já no segundo disco. Argumentavam que, por um lado Chico tinha luz própria de sobra e por outro a fórmula do Nação Zumbi não renderia mais nada interessante, pois já teria se esgotado. Eu e Renato torcemos para que acontecesse o contrário, para que Chico não se rendesse à vaidade pessoal e injetasse todo gás possível no fortalecimento da banda. Ele não decepcionou, mostrou que não era nem um pouco ingênuo ou deslumbrado e que sabia muito bem do que precisava para se manter no topo. O resultado foi o brilhante "Afrociberdelia", um trabalho coletivo - com Lúcio mais ativo do que nunca do que nunca na produção.

Portanto, se existe uma banda que tem total autoridade e potencial para ocupar condignamente o lugar que o inesquecível Chico Science deixou vago no topo, essa banda é sem dúvida a Nação Zumbi. Por sinal, o próprio Chico nem cogitava em dar por esgotado o formato da banda, tanto que já planejava entrar com os brothers no estúdio ainda este ano para gravar o terceiro disco. LONGA VIDA AO GROOVE!!!

II- BUSCANDO RESPOSTAS

"Something is happening here, but you don't know what it is. Do you, Mr Jones?" Essa frase de Bob Dylan me vem à mente sempre que eu penso no tom de alguns comentários publicados nos maiores jornais do país a respeito da morte de Chico. Talvez com intenção de pintar o fato com as cores mais chocantes, expurgando, assim, a dor e a revolta da perda, as matérias acabavam invariavelmente emitindo um tom derrotista ou até desolador.

Se o caso é especular sobre o que pode acontecer daqui em diante, o mais oportuno seria tentar identificar na história do Pop, fatos ou situações semelhantes que possam servir de exemplos. Em se tratando de movimentos de cultura Pop; gerados em focos isolados; situados na periferia do mercado; e com reconhecimento mundial, os fenômenos mais correlatos ao Mangue Beat que se tem notícia - ainda que os estágios de desenvolvimentos sejam distintos - são a Jamaica pós-Bob Marley e Salvador pós-Tropicalismo.

Sobre Salvador, minha experiência como mangueboy me diz que o Tropicalismo não surgiu lá por acaso. Nada no mundo poderia ter impedido o caldo cultural da cidade de gerar posteriormente (e na sequência) os Novos Baianos, A Cor do Som, os trios elétricos, a Axé Music, o Samba - Reggae, a Timbalada, etc. Também não foi por milagre que a Jamaica se tornou berço do Calipso, do Ska, do Reggae, do Dub, do Raggamuffin e de todas as variantes do Dancehall que hoje, quase 20 anos depois da morte de Marley, contaminam as paradas de sucesso de todo o mundo. Esses dois fenômenos foram condicionados por combinações específicas de fatores geográficos, econômicos, políticos, sociológicos, antropológicos, enfim, culturais, cuja história eu não seria capaz de analisar. Mas em se tratando de focos isolados que a partir de um determinado estímulo geram uma reação em cadeia capaz de contaminar toda a história futura de uma comunidade, meu depoimento talvez possa ser útil.

III- UMA VISITA MUITO ESPECIAL

Lembro-me muito bem do nervosismo que tomou conta da cidade quando, em 93 (logo após o primeiro Abril Pro Rock), a diretoria da Sony anunciou que mandaria um representante ao Recife para contratar Chico Science... Fun! Fun! Zoeira Total! Diversão a qualquer custo, e a mais barulhenta possível! Esse havia sido o nosso lema quando, dois anos antes, sentindo o

descompasso - o fundo do poço, o infarto iminente - , resolvêramos tentar de tudo para detonar adrenalina no coração deprimido da cidade. Depois de vários shows e eventos muito bem sucedidos, e do manifesto "Caranguejos com Cérebro" (que transformou, de uma hora para outra centenas de arruaceiros inocentes em "mangueboys" militantes), parecia que a cidade realmente começava a despertar do coma profundo em que esteve mergulhada desde o início da guerra dos 80. Parêntese: não é exagero. Segundo os levantamentos mensais do DIEESE, Recife conseguiu manter sem muito esforço a impressionante e isolada posição de campeã nacional do desemprego e da inflação por nada menos que dez anos seguidos!!! Imaginem o efeito devastador que uma situação como essa pode provocar na alma de uma comunidade com mais de 400 anos de história e que só neste século havia gerado nomes da dimensão de Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Josué de Castro e João Cabral de Melo Neto. Para nós, que mal havíamos saído da adolescência só restavam duas saídas: tentar uma bolsa na Europa ou ganhar as ruas...

Então, a chegada da Sony representava uma espécie de prêmio coletivo. O significado simbólico era que finalmente podia estar se abrindo um canal de comunicação direta com o mercado mundial, como os caranguejos do asfalto haviam almejado em seu primeiro manifesto. Para todos os agentes e operadores culturais que viam seu talento e potencial atrofiados pela desmotivação, era o estímulo concreto que faltava. Afinal, queiram ou não, discos pop lançados por

multinacionais movimentam várias áreas de expressão ao mesmo tempo: moda, fotografia, design, produção gráfica, vídeos, relações públicas, assessoria, imprensa, marketing, música, etc.

Daí em diante, pode-se dizer que teve início um efetivo "renascimento" recifense. Todo mundo gritou mãos à obra! e partiu para o ataque. As ruas viraram passarelas de estilistas independentes; bandas pipocaram em cada esquina; palcos foram improvisados em todos os bares; fitas demo e clipes novos eram lançados toda semana, e assim por diante, gerando uma verdadeira cooperativa multimídia autônoma e explosiva, que não parava de crescer e mobilizar toda a cidade. De headbangers a mauricinhos, de punks a líderes comunitários, de surfistas a professores acadêmicos, ninguém ficou de fora. Para se ter uma idéia, a frase "computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro" (Mundo Livre SA) virou tema de redação de vestibular de uma faculdade local.

IV - MANGUETOWN, 5 ANOS DEPOIS

O renascimento segue de vento em popa. A noite mais concorrida do último Abril Pro Rock foi a que reuniu três bandas locais. Mais de cinco mil pessoas pagaram ingresso e enfrentaram uma chuva intensa para aplaudir e cantar junto com Mundo Livre SA, Mestre Ambrósio e Chico Science e Nação Zumbi. O festival "Viva a Música", realizado em setembro passado, reuniu mais de 50 novas bandas. O disco de

estréia da campeã, Dona Margarida Pereira e os Fulanos, está em fase de gravação. O programa Manguê Beat (Caetés FM 99.1) ocupa há 2 anos os primeiros lugares de audiência, tocando fitas demo e lançamentos locais, além de novidades de todos os cantos do planeta. O "Manguetronic", um programa de rádio idealizado especialmente para a Internet, vem se firmando como um dos sites mais acessados do Universo on Line. Os últimos cds do Chico Science e Nação Zumbi e do Mundo Livre SA e a estréia do Mestre Ambrósio figuraram na lista dos dez melhores do ano da revista Showbizz. Estão em fase de finalização os aguardados álbuns de estréia das bandas Eddie e Devotos do Ódio. O Abril pro Rock 97 entrou pela primeira vez no calendário de eventos oficiais do Estado, ganhando assim uma ampla divulgação nacional e uma infraestrutura mais organizada. A estréia em longametragem dos cineastas pernambucanos Lírio Ferreira e Paulo Caldas - o filme "O Baile Perfumado", cuja trilha é assinada por Chico Science, Siba (do Mestre Ambrósio) e Zero Quatro - ganhou vários prêmios, entre eles o de melhor filme, no último Festival de Cinema de Brasília. O estilista Eduardo Ferreira já recebeu vários prêmios nas últimas edições do Phytoervas Fashion. O Mundo Livre S.A. acaba de fazer 4 shows e um clipe no México, devendo participar de vários festivais europeus no segundo semestre...

(Pausa para respirar)

Temos como objetivo imediato pressionar a Prefeitura do Recife para tirar do papel e colocar no ar a

rádio Frei Caneca FM, uma emissora sem fins lucrativos cujo orçamento para 97, ao que parece, já foi aprovado pela Câmara Municipal. Afinal, o único e mais difícil obstáculo que ainda não superamos foi o das rádios comerciais. Sabemos que na Jamaica e em Salvador foi preciso o uso até de ações violentas para pressionar os disc - jockeys. No estágio atual, não achamos que recursos sejam necessários. O Popspace não é invulnerável e a história está do nosso lado.

Quem acompanhou no Recife as últimas homenagens a Chico, sentiu a força de um compromisso coletivo. Hoje cada recifense tem no olhar um pouco de guerrilheiro da Frente Pop de Libertação. E o recado que queremos enviar para o mundo não é muito diferente daquele que nos mandam as comunidades indígenas de Chiapas - que têm no subcomandante Marcos o seu porta-voz. VIVA SANDINO! VIVA ZAPATA! VIVA ZUMBI! A utopia continua...

"- Quanto vale a vida de um homem, em quanto cada um avalia a sua própria vida, a troco de quê está disposto a mudá - la? Nós avaliamos muito alto o preço de nossas vidas. Valem um mundo melhor, nada menos. Homens e mulheres, dispostos a dar suas vidas, têm direito a pedir tanto quanto valem. Há os que avaliam suas vidas por uma quantidade de dinheiro, mas nós a avaliamos pelo mundo, esse é o custo do nosso sangue..." (Subcomandante Marcos)

Ass: Zero Quatro, com a colaboração de Renato L.